

## ***Também somos aquilo que afirmamos!... A*** **Narrativa de Si como estratégia de construção da** **diferença na gemelaridade**

**Isabel Maria Miranda Antunes e Ricardo Vieira**

**Centro de Investigação Identidades e Diversidades/Instituto Politécnico  
de Leiria (Portugal)**

**Palavras-chave: gemelaridade, narrativa de si, invenção de si, etnobiografia, autobiografia  
indirecta, subjectivação da objectividade, agencia.**

Esta comunicação pretende apresentar parte de uma pesquisa recentemente efectuada onde se procurou estudar o processo de construção e reconstrução da identidade nos gémeos.

Pretendemos desocultar em que medida a gemelaridade, sendo uma condição objectiva, pode ser subjectivada pelo sujeito na construção da sua identidade e quais as estratégias a que recorre para se construir e reconstruir, bem como o(s) motivo(s) pelo(s) qual (quais) agencia a sua identidade. Quando, como e por que é que se inventa diferente.

Centrada no percurso de quatro pares de gémeos, a opção tomada foi a de ouvir os próprios sujeitos a dois tempos e duas vozes (nós/eu), conjugando a entrevista em grupo (par) com a individual.

Um estilo de entrevista em profundidade, como conversa com um objectivo, em que o entrevistador orienta a narração, permite que os entrevistados construam, sob o ponto de vista narrativo, as histórias com as quais explicam os seus percursos de vida e processos de identificação. Este tipo de entrevistas permite ao entrevistado dar sentido ao que nunca tinha sido nomeado, tornando o implícito explícito, revelando o que estava oculto, dando forma ao que não a tinha, e esclarecendo o que era confuso.

A narrativa de si, a história que o eu conta acerca de si mesmo para se reencontrar como sentido, suscita um trabalho particular de memorização, permitindo a produção de uma etnobiografia, que constitui uma fatia da vida sob forma de autobiografia indirecta

Na gemelaridade, a narrativa de si surge como um dos “espelhos” onde é possível construir “a imagem” afirmando a diferença da subjectividade objectivada pela exterioridade.

The purpose of this communication is to present part of a survey recently carried out where the process of building and reshaping of twins' identity (character) has been studied.

We intend to show to what extent the twinning, being an objective condition, can be made subjective by the subject in the building of one's identity and which strategies are used in the process of building and reshaping, as well as the reason (reasons) for acting on their identity. When, how and why he/she invents himself/herself differently.

Based on the life of four sets of twins, the option chosen was to listen to the subjects themselves at two times and in two voices (we/I), conjugating the group interview (pair) with the individual one.

An in-depth interview style, in the form of a conversation with a goal, in which the interviewer guides the narration, allows the interviewee to build, from a narrative point of view, the stories with which they explain their life paths and identification processes. This type of interview allows the interviewer to make sense of what had never been mentioned before, making the implicit explicit, revealing what was hidden, giving shape to what had no shape and clarifying what was confusing.

The narrative of the self, the story that the "I" tells about himself/herself to find oneself again as a meaning, brings about specific memorisation work, allowing the production of an ethnobiography, that constitutes a piece of life in the shape of an indirect autobiography.

In twinning, the narrative of the self appears as one of the "mirrors" where it is possible to build "the image" stating the difference of the objective subjectivity from the exterior.

## INTRODUÇÃO

O propósito do projecto de investigação, do qual este texto dá conta de uma parte, pretendeu concorrer para uma melhor compreensão do processo de construção e reconstrução da identidade nos gémeos, nomeadamente a forma como percebem e integram a diversidade do grupo na individualidade da identidade do elemento. Para isso, procurei desocultar o papel da escola, do conhecimento, da reflexividade e da capacidade de agência dos indivíduos neste processo.

Centrado no percurso de quatro pares de gémeos, a opção tomada foi a de ouvir os próprios sujeitos, a dois tempos e duas vozes, na assunção de que se pretendemos conhecer as experiências únicas e as perspectiva individuais, não há caminho mais adequado do que através da sua própria voz. Foi possível aceder ao “mundo vivido” dos entrevistados, à sua subjectividade, às suas autobiografias, às representações deles sobre si próprios e sobre os outros, a partir da identificação de pessoas, incidentes e fases críticas (Sikes, Measor e Woods, 1995; Kelctermans, 1995) que lhes foi possível narrar de uma forma retrospectiva.

### **Como se processa a construção, reconstrução e conscientização da identidade nos gémeos?**

Esta constituiu a pergunta de partida para a problemática que me propus estudar.

Procurei desocultar em que medida a gemelaridade, sendo uma condição objectiva, pode ser subjectivada pelo sujeito na construção da sua identidade e quais as estratégias a que recorre para se construir e reconstruir, bem como o(s) motivo(s) pelo(s) qual (quais) agencia a sua identidade. Quando, como e por que é que se inventa diferente.

A narrativa de si, a história que o *eu* conta acerca de si mesmo para se reencontrar como sentido, suscita um trabalho particular de memorização, permitindo a produção de uma etnobiografia, que constitui uma fatia da vida sob forma de autobiografia indirecta

Na gemelaridade, a narrativa de si surge como um dos “espelhos” onde é possível construir “a imagem” afirmando a diferença da subjectividade objectivada pela exterioridade.

## 1. CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA

A problemática das identidades está presente em diversa bibliografia de referência verificando-se alguma tensão interpretativa entre as teorias que privilegiam a unidade e unicidade do actor e as teorias assentes na fragmentação do *eu*, bem como entre as teorias da prática e do *habitus* e as teorias da escolha racional, individualismo simbólico e interaccionismo simbólico.

Many of the theories that form part of the identity stories, [...] have involved attempts to set boundaries and to circumscribe and to classify different dimensions of identity. This involves definitions that are founded on different relationships, one of which is that based on oppositions and dualisms. In some ways this is one of the starting points that has had to be renegotiated. The relationships between sameness and difference, structure and agency, the natural and the social and that between essentialist and non-essentialist perspectives, which are imbricated in each of the other interconnections, are widely implicated in discussion of identity (Woodward, 2002: 158-159).

Cada uma destas teorias tem inerente uma representação própria quer do sistema enquanto imagem da sociedade, quer da relação do actor com o sistema, assim como uma explicação dos factos sociais, pelo que a noção de identidade, atravessando as barreiras disciplinares, tem sido objecto de diferentes conceptualizações.

Objecto de apropriação indiscriminada, a utilização da noção de identidade encontra-se largamente difundida pela linguagem comum. Este conceito encontra-se associado à modernidade, pois «*só se impõe, verdadeiramente, no período contemporâneo, com a generalização da invenção de si mesmo individual*» (Kaufmann, 2005: 267). Surge como um conceito aglutinador de correntes de investigação díspares, estabelecendo uma ligação entre o psicológico, o sociológico e o cultural. Recusando-se, contudo, a ser um conceito vulgar, constitui objecto de estudo e produz especializações e compartimentações em diferentes domínios, tratando cada qual de forma específica a identidade ou abordando um aspecto concreto da identidade. «*A divisão mais nítida separou pesquisas sobre as identidades individuais e pesquisas sobre as identidades colectivas*» (cf. Deschamps, 1991, *cit in* Kaufmann, *ibid.*: 35). Esta divisão parece difusa pois não se pode separar o indivíduo da cultura e da sociedade. Importa ver em que medida é que o indivíduo se apropria da cultura e como a transforma enquanto

membro de uma sociedade; como articula o «*facto social*» com o «*acto individual*» (Kaufmann, 2005); analisar como é que o indivíduo é produto da sua história ao mesmo tempo que a produz; desocultar a “caixa de ferramentas” que utiliza para se “inventar diferente”. «*A questão mais importante não é, pois, a distância média em relação a todos os papéis ocupados por um indivíduo, mas a forma como este último gere os seus encadeamentos de envolvimentos e de distanciamentos sucessivos*» (Kaufmann, 2005: 226). Como escreve Crespi

A identidade individual apresenta uma natureza ambivalente, na medida em que, por um lado, exige ser, ao menos em certa medida, *igual* aos outros, a fim de poder estabelecer uma correcta relação de previsibilidade, baseada em expectativas recíprocas compatíveis e, por outro lado, necessita de *se distinguir* dos outros, para não se perder no anonimato através de uma excessiva codificação de papéis codificados. Mostra-se assim que a capacidade de elaboração interna de significados pessoais é tão importante para o sujeito quanto a sua capacidade de interiorizar modelos e valores culturais colectivamente partilhados (Crespi, 1997: 188).

Revelando-se um conceito «*polissémico*» e «*vago*» (Ferréol, 1991, *cit in* Kaufmann, 2005: 10), assume um cariz dinâmico, operatório e instrumental, «*raramente definido de forma explícita*» (Kaufmann, *ibidem*: 10) constituindo «*uma das evidências mais partilhadas e menos questionadas, por parte dos actores mas também dos universos eruditos*» (Corcuff, 2003, *cit in* Kaufman, *ibidem*:10). O que caracteriza a identidade é o seu carácter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações. É precisamente este carácter que torna difícil a definição de identidade (Cuche, 2003: 147). A dificuldade reside em encontrar uma definição consensual (Lipiansky, Taboada-Leonetti, Vasquez, 1990: 10), pelo que as definições mais simples parecem contornar o problema sem, contudo, clarificar exactamente a noção de identidade. Kaufmann afirma que a dificuldade «*a resolver é a articulação subjectividade/objectividade e o lugar preciso da identidade nesta articulação*».

Atravessando diversos domínios disciplinares, psicologia social, sociologia, entre outros, emerge um «*consenso frouxo*» assente em três pontos (Kaufmann, 2005: 38):

1. A identidade é uma construção subjectiva.
2. Ela não pode, contudo, ignorar os «*porta-identidade*», a realidade concreta do indivíduo ou do grupo, matéria-prima incontornável da identificação.

3. Este trabalho de malaxação pelo sujeito é conduzido sob o olhar dos outros, que infirma ou certifica identidades propostas.

Sendo considerado «frágil» e de «alcance limitado», este consenso é tido como «valioso» pois «oferece (finalmente) uma ferramenta colectiva, que evita os excessos de fluidez do conceito. Posiciona essa ferramenta contra o substancialismo latente [Camilleri et al., 1990], incessantemente realimentado pelo senso comum. Propõe uma concepção dinâmica e aberta da identidade, vista como um processo, mais do que como uma identidade [Costalat-Founeau, 1997]» (Kaufmann, 2005: 38).

São várias as referências teóricas relativas à construção identitária, evidenciando mecanismos de oposição no interior do processo identitário: «entre identidade pessoal e identidade social, em Erving Goffman [1975]; entre mesmidade e ipseidade, em Paul Ricoeur [1990]; entre identidade para si e identidade para os outros, em Claude Dubar [1991]; entre si íntimo e si estatutário, em François de Singly [1996], etc» (Kaufman, *ibid*).

A introdução do conceito nas ciências humanas deve-se a Erik Erikson. Retomando o conceito de «identificação» de Freud, que permite «conceber o indivíduo como um processo, contínuo e mutável, aberto ao seu ambiente social» (Kaufman, 2005: 24), Erikson ampliou a ideia de processo ao contexto social deixando transparecer que a identidade é um *continuum* que culmina num produto: «uma identidade final, fixada no termo da adolescência» alcançada depois de ultrapassados vários momentos de crise. A sociedade proporciona ao «ego», estabelecer sua identidade durante o processo de desenvolvimento do sujeito através de estruturas culturais, verificando-se uma transferência do «todo social» para o indivíduo. A concepção proposta por Erikson remete-nos para um indivíduo que se representa a si mesmo enquanto consciente de si e da/na relação que estabelece com o outro. No entanto, o seu conceito de identidade traz implícita a ideia de similaridade, pressupondo que a identidade do sujeito se constrói a partir de percepções que ele tem de si mesmo e do outro, ou seja, estabelece-se a partir de uma certa correspondência, o que assegura e implica «o mesmo». Erikson sugere uma correspondência entre indivíduo e sociedade (cf. Erikson, 1976).

«Do produto ao processo » opera-se «um desvio de perspectiva» (Lipiansky, Taboada-Leonetti, Vasques, 1990, *cit in* Kaufmann, 2005: 27).

Opondo-se a Erik Erikson, George Herbert Mead afirma que «o si mesmo é menos uma substância do que um processo» (Mead, 1963, *cit in* Kaufman, 2005: 30). Para Mead o *self* constitui-se como unidade dual de um «eu» e de um «mim». Pelo «eu» o *self* individualiza-se, pelo «mim» o *self* socializa-se. O indivíduo é um vasto sistema de interacções internas em acção sobre um ambiente social, ele próprio marcado por um contexto histórico preciso. O indivíduo, na medida em que é um objecto para si, é essencialmente uma estrutura social e surge na experiência social: Mead afirma que «*le Soi, en tant qu'object pour soi, est essentiellement une structure sociale et naît dans l'expérience sociale*» (Mead, *cit in* Lipiansky, Taboada-Leonetti, Vasques, 2002: 14). Sem conceptualizar a noção de identidade, a influência de Mead é, contudo, visível na investigação em torno da negociação identitária, desenvolvida posteriormente, no quadro do interaccionismo simbólico, que conserva de Mead o carácter interactivo e processual da construção identitária. «E o próprio termo “identidade” foi introduzido (...) por herdeiros de Mead tão diversos como Erving Goffman, Anselm Strauss ou Howard Becker» (Kaufmann, 2005: 31). As noções de *situação construída* e de *significação atribuída* são conceitos base do interaccionismo simbólico.

Fredrik Barth (1969) foi pioneiro ao introduzir a concepção da identidade como manifestação relacional, permitindo superar a dicotomia objectivismo/subjectivismo. Assim, segundo Barth, é «na ordem dos modos de relação entre os grupos sociais que devemos tentar apreender o fenómeno identitário», e diz ainda que «são eles próprios [os membros de um grupo] os actores que atribuem uma significação a essa pertença em função da situação relacional em que se encontram» (*cit in* Cuche, 1999:140).

A identidade assume um carácter dinâmico, pois está em permanente construção e reconstrução no quadro das relações sociais, que determinam a posição dos agentes, orientando as suas representações e as suas escolhas face à uma cada vez maior complexificação das relações sociais, a uma multiplicação de referentes e a processos cada vez mais fragmentários de construção de identidades e de sentidos. Os indivíduos

estão sujeitos a processo contínuos de socialização e de re-socialização, como também de renegociação das relações (cf. Crespi, 1997). A relação comprometida dos sujeitos com a cultura contemporânea amplia a dificuldade individual de situar e definir a identidade e subjectividade pessoais. Assim, «*para compreender o carácter complexo da relação entre o sujeito e o sistema sócio-cultural há que ter presentes não só a dimensão da flexibilidade da consciência e a capacidade desta para negar as objectivações, mas também a distinção entre sentido e significado e o carácter sempre redutor deste*» (Crespi, 1997: 187)

Para Balandier (1976, *cit in* Martins), as sociedades estão submetidas a duas dinâmicas complementares:

Do lado de dentro, são as práticas dos actores sociais (individuais e colectivos) que "interpretam" e solicitam, utilizam e manipulam, tentam orientar, segundo seus interesses e seus valores, os sistemas de relacionamento sociais de que participam. Do lado de fora, é a interferência "daquilo que rodeia a sociedade" no plano internacional que engendra pressões (e dominações) e contaminações; que favorece, também, o aparecimento de novas alternativas. (Balandier, 1976: 301)

Os diversos efeitos conjugados destas duas dinâmicas fazem com que a sociedade seja refocalizada de maneira quase permanente, pois possui versões concorrentes de si mesma. É constituída por configurações mais ou menos compatíveis, mais ou menos opostas umas às outras. «*Toda sociedade é plural e, daí, estar, constantemente, em vias de se fazer e de se definir*» (Balandier, 1976: 302). Conceber a sociedade enquanto «pluralidade», significa concebê-la complexa, marcada por descontinuidades, o que pressupõe, do ponto de vista fenomenológico, a construção de identidades plurais, na medida em que os indivíduos estão sujeitos a uma enorme diversidade de situações. Em vez da "lógica do ou...ou", que pressupõe a unidade e a exclusão, a multiplicidade organiza-se sob a "lógica do e", "*pois seu tecido é a 'conjugação e...e...e', um meio formado por n dimensões das quais o Uno é subtraído.*" (Orlandi, 1987: 42, *cit in* Martins).

Schutz defende que não existe outra realidade social para além daquela que os membros da sociedade vivem (cf. Schutz, 1987; *cit in* Trindade, 2003: 23).

«Os processos e os mecanismos da reflexividade social tendem a multiplicar-se, incorporando referências estruturais frequentemente contraditórias ou ambivalentes, e dando lugar a estratégias de apresentação e representação cuja principal característica é a incorporação do risco e a modulação adaptável das identidades» (cf. Beck et al., 1995, cit in Santos e Abreu, 2002: 214)

Tudo se passa como se os actores adoptassem simultaneamente vários pontos de vista, como se a identidade fosse apenas o jogo movediço das identificações sucessivas, como se outrem fosse alternadamente definido de múltiplas maneiras, aliado e adversário, vizinho e exótico... Os papeis, as posições sociais e a cultura não bastam já para definir os elementos estáveis da acção porque os indivíduos não cumprem um programa, mas têm em vista construir uma unidade a partir de elementos vários da sua vida social, e da multiplicidade das orientações que consigo trazem. Assim, a identidade social não é um “ser”, mas um “trabalho” (Lapassade, 1991: 15-16).

O *self* é hoje um projecto reflexivo, em permanente reconstrução, articulando escolhas e práticas de estilos de vida. As escolhas têm inerentes a avaliação dos limites do indivíduo e os constrangimentos a que poderá estar submetido, sendo a *atenção reflexiva* condição necessária à aferição de oportunidades e à emancipação. A reflexividade amplia a capacidade dos indivíduos gerirem as suas vidas e as suas opções de uma forma consistente e pró-activa. A *plasticidade do ego*, a «*potencialidade para articular opções das mais diversas ordens*», constitui a pedra-de-toque da reflexividade dos *selves* na modernidade tardia (cf. Giddens, 1995). «*Os indivíduos e os grupos parecem estar cada vez mais conscientes do processo de formação identitária e das suas possibilidades de intervir sobre ele*» (Stoer, Magalhães e Rodrigues, 2004: 113).

A identidade é, pois, «*um organizador psicossociológico, sócio-histórico e político complexo, na medida em que processa tanto no nível pessoal e interpessoal como no transpessoal e no nível político, das relações internacionais, e decorre tanto de processos de identificação subjectivos e de auto-atribuição como de processos de identificação objectivantes e de hetero-atribuição que frequentemente descoincidem*» (Bastos e Bastos, 1999:11-12).

Ser reflexivo não significa, no entanto, utilizar reflexivamente a sua reflexividade (Lahire, 2003: 96). Os indivíduos, dotados de autonomia e reflexividade, estão capacitados a decidir por si próprios; «*esta autonomia não é redutível a um processo de individualização no qual o indivíduo se vê confrontado, sem escolha, de não ser mais do que isso mesmo, um indivíduo* (cf. Bauman, 2001). É antes, no sentido de

*individuação de que fala Beck (1992), isto é, no sentido em que todo o processo emancipatório visa entregar o indivíduo a si próprio» (Magalhães e Stoer, 2003:112).*

A identidade é um processo, historicamente novo, que consiste em sair de si mesmo (pela imagem ou pela emoção) para se inventar diferente. Em sair do si mesmo habitual, do si mesmo dos hábitos, dos esquemas incorporados, memória social personalizada armazenada no inconsciente, que canaliza o futuro sob a forma dum destino imposto. Representar afixações identitárias é uma tentativa de mudar de caminho. Quanto mais o ego consegue, pelo desdobramento mental, provocar um desfasamento em relação às determinações que carrega em si mesmo, mais a inventividade se torna forte [...] (Kaufmann, 2005: 225).

Esta capacidade para se inventar diferente está presente em alguns dos gémeos, esforçando-se o «*indivíduo para se construir a si próprio como indivíduo*» (Touraine, 1997: 141, *cit in* Stoer, 2001: 260) individualizando-se. «*C'est le mécanisme le plus extrême du processus de différenciation. [...] La singularité peut s'opérer sur des éléments superficiels ou «porte-identité» (Goffmann, 1975), c'est le cas pour les originalités vestimentaires, la personnalisation apparente des objets sociaux (voiture, maison...). Elle s'opère souvent sur des réponses plus profondes*» (Camilleri, et al, 2002: 39).

Nos gémeos, o outro mas que é tido como o mesmo, passa a ser visto como “outro” e serve de alteridade para a reflexividade do eu mesmo. A sua identidade (re) constrói-se neste jogo entre as representações dos outros e a auto-representação de cada um; no encontro do um com o outro. A gemelaridade parece ampliar a necessidade de afirmação identitária, pois indivíduos singulares sentem-se “desindividualizados” porque múltiplos e idênticos; a distinção primeira, entre o Mesmo e o Outro assume contornos difusos.

**AF:** [...] Eu achava isso horrível porque eu achava que era diferente, que tinha os meus gostos... as minhas preferências e que não éramos um conjunto, pronto!... Que eu não devia fazer sempre aquilo que eles queriam que eu fizesse em relação ao conjunto... ao conjunto ou... nem sei se era conjunto... as gémeas eram uma!... Nem sequer tinham nome: “A” e “I”; eram “as gémeas”...

**Alexandra, gémea com a Inês, professora, 39 anos**

O talento para se inventar diferente assume contornos distintos, pois a capacidade que alguns gémeos dotados de autonomia e reflexividade revelam está noutros ausente:

**IF:** Eu? Nada!... Nunca fiz nada para me afirmar como pessoa. Fui sempre passiva... eu sou uma pessoa passiva; é isso que eu também estou a tentar combater, não é?!... Porque, ainda hoje, acho que sou um bocado passiva. Tenho dificuldade em afirmar-me como pessoa... e... sempre tive. Agora, não sei se isto tem a ver com o facto de ser gémea...

**Inês, gémea com a Alexandra, bibliotecária, 39 anos**

Sendo, desde o nascimento, o indivíduo submetido a um intenso processo de socialização não deveremos menosprezar a sua capacidade de flexibilidade. Parece-me que o caso dos gémeos é paradigmático para pensar a complexidade do processo identitário.

«Nada é nunca tão simples quanto parece no domínio da identidade» (Kaufmann, 2005: 221), e muito menos quando se fala de gémeos.

## 2. A INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

A opção por uma determinada «*perspectiva de investigação [...] afecta tanto a delimitação do que se pretende analisar (focus) como a intenção e o propósito do processo de investigação (intent)*» (Zabalza, 1994: 19). Dado a natureza do meu objecto de estudo apontar para uma abordagem flexível, permitindo aos sujeitos expressarem-se de acordo com a sua perspectiva pessoal, os dados recolhidos foram fecundos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e situações e, por isso, designados por *qualitativos*. «*O que torna um trabalho interpretativo ou qualitativo é mais uma questão de focagem substantiva e de objectivos (substantive focus and intent) do que os procedimentos de recolha de dados, isto é, uma técnica de pesquisa não constitui um método de pesquisa*» (Frederick Erickson, *cit in* Silva, 2003: 28).

A investigação qualitativa assume diversas formas e é aplicada em diferentes contextos. Contudo, só no final dos anos sessenta a investigação educacional e a metodologia qualitativa aplicadas à educação perderam o estatuto de marginais e foram reconhecidas. Como afirma Coulon «*dá-se hoje maior importância à compreensão que à explicação, à abordagem qualitativa do social que à quantofrenia das pesquisas sociológicas anteriores*» (1995: 7, *cit in* Vieira, 1999).

À expressão investigação qualitativa estão associadas outras expressões como “investigação de campo”, “naturalista”, “etnográfica”, “interaccionismo simbólico”, “perspectiva interior”, “Escola de Chicago”, “fenomenologia”, “estudo de caso”, “etnometodologia”, “ecologia” e “descritivo” (cf. Bogdan e Biklen, 1994), utilizadas indiferenciadamente para designar o mesmo tipo de pesquisa. Contudo, estes termos não são exactamente sinónimos uns dos outros, pois «*as ênfases são diferentes e os recobrimentos apenas parciais*» (Costa, 1986: 129). Cada um recobre, neste tipo de investigação, conceptualizações diferentes, porque uma ênfase diferente é posta no trabalho feito por determinadas pessoas. Entre os antropólogos, *trabalho de campo* é sinónimo de colheita de dados usando métodos de observação. Contudo, para alguns sociólogos, o termo é também usado para referir dados obtidos através de realização de inquéritos (cf. Srinivas, 1966; Moser e Kalton, 1971). Etnografia foi definida por Conklin (1968) como os dados de antropologia cultural que derivam da observação directa do comportamento numa sociedade particular. A recolha, análise e avaliação destas observações seria tarefa de etnólogos. Não sendo estes conceitos verdadeiramente sinónimos uns dos outros, inserem-se em abordagens epistemologicamente semelhantes e em paradigmas não positivistas. Conforme Silva, muitos autores «*concordam com uma visão plural e polissémica do conceito de etnografia, na medida em que ele recobre uma variedade de concepções e práticas de investigação*» (2003: 37).

Vieira reconhece, igualmente, o carácter polissémico deste conceito distanciando-se do denominado paradigma dominante:

Convém dizer, que assumo a pesquisa etnográfica como algo próximo do *bricolage*, no sentido da possibilidade da autonomia *versus* um conjunto de imposições dogmáticas, ainda que o recurso assim ao conceito possa contribuir para perder parte do seu valor heurístico. [...] Trata-se de uma via algo distante da busca das regularidades da ciência positivista (Vieira, 2003: 77).

A investigação qualitativa não se estabelece mediante a operacionalização de variáveis definidas aprioristicamente. Um investigador qualitativo privilegia a compreensão dos comportamentos dos sujeitos a partir das interpretações que os mesmos fazem sobre esses comportamentos.

A existência dum quadro teórico de referência, mais ou menos explícito, permite assegurar a cientificidade de todo o processo. «A teoria ajuda à coerência dos dados e permite ao investigador ir para além de um amontoado pouco sistemático e arbitrário de acontecimentos» (Bogdan e Biklen, 1994).

Grande parte dos investigadores qualitativos identificam-se com a perspectiva fenomenológica, tentando «compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para pessoas vulgares, em situações particulares» de modo a apreender como e qual o significado que constroem para esses acontecimentos nas suas vidas do dia-a-dia. Existe a preocupação em ver o outro através do seu olhar (Bogdan e Biklen, 1994: 53).

A fenomenologia emerge das crises do subjectivismo e do irracionalismo nos fins do século XIX, início do século XX, como «uma teoria do conhecimento, uma atitude científica e sobretudo um método» cujo objectivo «não é a análise dos factos; a sua atenção é dirigida unicamente à “realidade da consciência”, isto é, a “fenómenos”, intenções, “essências ideais”, como lhes chama Husserl» (Casal, 1996: 36-37).

«A investigação fenomenológica começa com o silêncio» (Psathas, 1973, in Bogdan e Biklen, *ibidem*), sendo este “silêncio” uma tentativa de captar aquilo que se estuda, enfatizando a subjectividade do comportamento das pessoas com o intuito de penetrar no seu mundo conceptual (Geertz, 1973). A realidade é, então, socialmente construída pois deriva do significado que lhe é atribuído; dá-se a conhecer da forma como é percebida com base nos “pontos de vista” do sujeito, no modo como conhecem, interpretam e estruturam as suas vidas.

Compatível com a perspectiva fenomenológica, surge a interacção simbólica em cuja base se encontra «a asserção de que a experiência humana é mediada pela interpretação». A construção de significados decorre da interacção que o sujeito estabelece com o outro. Neste sentido, o *self* é uma construção social. «Ao construir ou definir o seu *self*, as pessoas tentam ver-se como os outros as vêem, interpretando os gestos e as acções que lhes são dirigidas e colocando-se no papel da outra pessoa.

*Resumindo, as pessoas acabam por se ver, parcialmente, como as outras as vêem»* (Bogdan e Biklen, *ibid*: 57).

O esforço principal de uma abordagem qualitativa é alcançar «*o significado imediato das acções segundo a perspectiva do actor*» (Erickson, 1986: 119, *in* Zabalza).

Os pressupostos do analista devem ser os pressupostos dos analisados na sua vida quotidiana, e tal como por eles é vivida e relatada. O que importa é compreender como os actores sociais vivem, representam e relatam o seu vivido. Trata-se de estudar os “métodos” que utilizam com o fim de construir e interpretar a sua própria realidade e racionalidade no seu dia a dia. As práticas sociais são o que os actores sobre ela sabem, compreendem e relatam. Ao investigador cabe descrever e reinterpretar, tornando inteligível o que os actores sociais sabem fazer, dizem saber e sabem dizer. A consciência, a subjectividade, a inter-subjectividade, a alteridade, a vida quotidiana, os sentidos e os significados atribuídos passam a constituir conceitos, temas, objectos e perspectivas metodológicas com as quais as ciências sociais mais se identificam, perfilando e consolidando cada vez mais a sua especificidade (Casal, *op. cit.*: 44-45).

### 3. METODOLOGIAS ESPECIFICAS E TÉCNICAS ASSOCIADAS

Becker (1970) afirma que «*a metodologia é demasiado importante para ser deixada aos metodólogos*» (*cit in* Burgess, 2001: 6); isto porque a utilização de métodos e técnicas uniformes depende da interacção entre o problema a investigar, o investigador e os investigados. Neste sentido, como afirma Burgess, «*o investigador é um activo tomador de decisões, pois decide sobre as ferramentas mais apropriadas, conceptual ou metodologicamente, para obter e analisar dados*» (2001: 6).

O estudo de caso, normalmente considerado um estudo qualitativo, permite combinar uma grande diversidade de métodos e técnicas, caracteriza-se por ser particular, descritivo, heurístico, indutivo e holístico, uma vez que se focaliza numa determinada situação, acontecimento ou fenómeno, do qual resulta uma descrição rica conducente à compreensão global do fenómeno. «*É dada uma maior importância aos processos do*

que aos produtos, à compreensão e à interpretação» (cf. Merriam, in Carmo, 1998: 217).

O trabalho de investigação em que se funda este texto consiste num estudo de caso mobilizando técnicas de recolha e de tratamento de «*dados qualitativos*» (Patton, 1980). Assim, da multiplicidade de técnicas existentes, foram aplicadas entrevistas livres, em grupo, e semi-estruturada, individual, observação não participante traduzida em notas de campo e análise de conteúdo.

A entrevista, entendida como um procedimento de recolha de informação que utiliza a forma da comunicação verbal, produz uma enorme riqueza de dados revelando a perspectiva dos respondentes. Almeida e Pinto referem que

É possível afirmar que, em princípio, quanto maior for a liberdade e a iniciativa deixada aos intervenientes na entrevista, quanto maior for a duração da entrevista, quanto mais vezes ela se repetir, mais profunda e mais rica será a informação recolhida, mas tratar-se-á duma informação centrada na *pessoa* do entrevistado e dificilmente generalizável em termos de explicação de um *problema* global teoricamente definido (1975: 100).

A entrevista constituiu a estratégia dominante de recolha de material, no intuito de recolher dados substantivos na voz do próprio sujeito. Através da entrevista, os indivíduos que constituem o objecto de estudo, reflectem sobre as nossas intenções e sobre si próprios, sobre a sua vida. A situação de entrevista potencia a actualização de uma parte da «memória» do entrevistado, pois «*tentar perceber o que somos leva-nos quase sempre a escavar no passado as origens do que julgamos ser*» (Candeias, 2001: 23).

Numa situação de entrevista, o investigador «*está para as palavras dos entrevistados assim como o pescador está para os peixes: com uma boa técnica*» (Lahire, 2003: 101); as palavras são «*o produto do encontro de um inquirido dotado de esquemas de percepção, de apreciação, de avaliação... construídos ao longo das suas múltiplas experiências sociais anteriores e de uma situação social singular definida ao mesmo tempo pelas suas grandes propriedades discriminatórias [...], ligadas às circunstâncias da entrevista, ao seu lugar, à maneira como o entrevistador se apresenta e conduz a entrevista*» (Lahire, 2003: 101-102).

No início do processo de investigação, pareceu-me importante iniciar a recolha de dados com entrevistas exploratórias, mais informais, a fim de alcançar uma compreensão geral das perspectivas dos sujeitos relativamente ao objecto. Considerei importante que esta primeira entrevista fosse realizada com o par simultaneamente. Bogdan e Biklen referem que «*as entrevistas em grupo podem ser úteis para transportar o entrevistador para o mundo dos sujeitos*». Nesta situação os gémeos juntos são encorajados a falarem, podendo «*estimular-se uns aos outros, avançando ideias que se podem explorar mais tarde*» (*ibidem*: 138).

A entrevista em grupo, ou *focus grupo* como também é designada, favorece o diálogo entre os participantes, proporcionando oportunidades de examinar as relações entre eles e as perspectivas que têm. Por outro lado, a presença do investigador torna-se menos intrusiva, havendo mais do que um entrevistado.

Na entrevista informal, não existindo um plano prévio, as questões são elaboradas de forma aberta e espontânea, permitindo uma resposta em contexto mais ou menos informal, dando a possibilidade aos entrevistados de conduzir o seu discurso na direcção que considerem mais conveniente. Torna-se, assim, possível aceder ao “mundo vivido” dos entrevistados, à sua subjectividade. A tarefa do investigador, no sentido de aceder à «*teia de significados*» do entrevistado obriga-o a adoptar uma perspectiva émica.

Num segundo momento considerei importante utilizar uma modalidade de entrevista diferente, individual, semi-estruturada, semi-directiva, ou aberta como também é designada, de modo a permitir o afunilamento de dados. Esta modalidade de entrevista permite a elaboração de um guião, ou o levantamento de tópicos facilitadores do discurso, possibilitando aprofundar e intensificar a investigação. Esta agenda funciona como um *aide mémoire* (Burgess, 2001: 119), assegurando que tópicos semelhantes são abordados em todas as entrevistas dando, contudo, liberdade aos entrevistados para extraverterem a sua subjectividade.

Neste segundo momento procurei desocultar uma dimensão de si escondida e redescoberta após a primeira entrevista. A entrevista biográfica serve não só como recolha de informação mas, também, como construção de conhecimento na interacção,

pois permitem ao entrevistado dar sentido ao que nunca tinha sido dito, pensado, explicitado, estruturado (Vieira, 2003). A conjugação de mais do que uma modalidade de entrevista permite validar os discursos além de constituir material cumulativo.

A entrevista em profundidade, popularizada desde 1942 por Carl Roger, privilegia a não directividade, as atitudes de compreensão, de empatia, de facilitação e de abertura ao outro. É uma entrevista livre que deixa espaço para as anedotas e até para as divagações do narrador, próxima da entrevista etnográfica. Este tipo de entrevista permite ganhos em minúcia analítica e densidade interpretativa, perdendo na capacidade de generalização de resultados e percepção de regularidades e tendências de conjunto (cf. Santos Silva *et al*, 2002).

Em função da técnica de intervenção do investigador, a dimensão intimista varia. Quando o entrevistador se apaga num papel de simples registador, facilitando e encorajando a produção da narrativa, estamos no campo da psicobiografia e aproximamo-nos das auto-biografias directas. Mas quando orienta a narração, interroga, suscita um trabalho particular de memorização, temos a produção de uma etnobiografia, que constitui uma fatia da vida sob forma de autobiografia indirecta (Poirier, 1995: 45-46).

As experiências evocadas pelos entrevistados, a maneira como ele dará conta delas, as experiências intencionalmente omitidas como as que inconscientemente não poderão aparecer, tudo isso dependerá da forma que a relação social de entrevista tomará e que constitui assim uma espécie de filtro, «decidindo» acerca do dizível e do indizível, favorecendo o enunciado de alguns acontecimentos, mas constituindo um poderoso obstáculo à evocação de outros acontecimentos (Lahire, 2003: 10)

Um estilo de entrevista informal, em profundidade, considerada como «*conversas com um objectivo*» (Burgess, 1997: 112), revelou-se uma boa estratégia, pois permitiu que os entrevistados construíssem, sob o ponto de vista narrativo, «*as histórias com as quais [...] explicam os seus percursos de vida e processos de identificação*» (Magalhães, 2001: 301). Somers e Gibson (1966) referem que a narrativa é uma «*história que o eu conta acerca de si mesmo para se reencontrar como sentido*» (cit in Magalhães, 2001: 306).

Este tipo de entrevistas permite ao entrevistado dar sentido ao que nunca tinha sido nomeado, tornando o implícito explícito, revelando o que estava oculto, dando forma ao que não a tinha, e esclarecendo o que era confuso (Atkinson, 1998: 7).

Também Bruner refere que *«só na forma narrativa poderá cada qual construir uma identidade e descobrir um lugar na cultura a que pertence»* (2000: 69). É no acto de contar a sua própria narrativa que o indivíduo dá sentido às suas experiências, e é através dela que cria um sentimento de continuidade.

Para Sennett *«as narrativas são mais do que simples crónicas de acontecimentos; dão forma ao movimento do tempo para a frente, sugerindo razões pelas quais as coisas acontecem e mostrando as suas consequências»* (2002: 46).

A narrativa permite fazer viver as personagens, descrever as situações, partilhar as emoções, mostrar mais do que demonstrar. À medida que o processo de reflexão acompanha a construção da narrativa, ao darmos expressão oral aos acontecimentos, ampliamos o conhecimento de nós próprios, a compreensão de momentos e factores, de vivências e de experiências.

What generally happens when we tell a story from our own life is that we increase our working knowledge of ourselves because we discover deeper meaning in our lives through the process of reflecting and putting the events, experiences, and feelings that we have lived into oral expression (Atkinson, 1998: 1).

A narrativa é uma condição ontológica da vida social. Através da narratividade o individuo reconfigura o seu passado através da história que narra no presente, (re)inventando-se.

Somers destaca quatro dimensões de narrativa: a narrativa ontológica, a narrativa pública, a narrativa conceptual e a metanarrativa. A narrativa ontológica estabelece uma relação entre narrativa e ontologia em que *«ambas são condição uma da outra»* (1994: 618) sendo a sua relação *«processual e mutuamente constituída»* (*ibid*). Esta dimensão, que se refere às *«histórias que os actores sociais usam para darem sentido – de facto, para actuar – nas suas vidas»*, transforma os acontecimentos em episódios e conduz as identidades pessoais não à fixidez mas a uma transformação em que os actores sociais não são mas se tornam. Assim, as histórias que eles se contam permitirão perceberem a

sua forma de actuação no quotidiano e de (re)construção identitária múltipla e, por vezes, contraditória.

A narrativa pública, mais ampla do que o indivíduo isolado, remete para instituições em que os factores organizacionais são apreendidos. A narrativa conceptual remete-nos para os conceitos ou explicações construídos no âmbito da investigação social. A metanarrativa, referindo-se às “grandes narrativas” pós-tradicionais, pode legitimar todas as outras (*ibid.*: 621).

Importa considerar o carácter da narrativa enquanto construtora das identidades, de significados e de sentidos. Sendo as identidades constituídas na e pela narratividade, como discurso reflexivamente organizado, o sujeito ao contar a sua história (re)constrói-se; torna-se mais conhecedor de si e do outro. Como afirma Giddens «*ser-se humano significa [...] conhecer a todo o momento, e nos termos e um qualquer tipo de descrição, o que se faz e porque se faz*» (2001: 319).

Sendo propósito deste trabalho concorrer para uma melhor compreensão do processo de construção/reconstrução da identidade nos gémeos, a opção tomada foi a de dar voz aos próprios sujeitos. Se pretendemos conhecer as experiências únicas e as perspectiva individuais, não há caminho mais adequado do que através da sua própria voz (*cf.* Atkinson, *op. cit.*: 5). Assim, as questões colocadas aos entrevistados centraram-se no jogo entre as representações dos outros e a auto-representação de cada um, bem como nas suas relações com os grupos primários ou restritos, família, vizinhos, escola, pares, grupo profissional, comunidade, dado que «*estes grupos participam ao mesmo tempo de uma dimensão psicológica dos seus membros e de uma dimensão estrutural de um sistema social*» (*cf.* Atkinson, *ibid.*: 62). Ou na linguagem de Boaventura de Sousa Santos (1995) os lugares onde as identidades se constroem (*cit. in* Cortesão, 2001).

#### 4. TAMBÉM SOMOS AQUILO QUE AFIRMAMOS

O espelho, enquanto objecto físico, caracteriza-se por ser uma superfície polida ou muito lisa que reflecte os raios solares que sobre ela incidem, projectando, deste modo,

a imagem dos objectos. O espelho, do latim *speculum*, consiste num «suporte de um simbolismo extremamente rico na ordem do conhecimento» (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 300). Embora não permita que o indivíduo veja a sua exterioridade do mesmo modo que os outros a apreendem, o espelho permite-lhe ver-se onde não está e num lugar que não existe. O observador poderá, ou não, identificar-se com a imagem que está dentro do espelho.

Este jogo de imagens tornar-se-á ainda mais confuso se ao observador não for permitido ver a sua própria imagem. Contudo, o ser humano tem a capacidade de evocar imagens mesmo de olhos fechados. Quando entramos na “Casa dos Espelhos”, rimo-nos de nos vermos muito altos e magrinhos, ou muito baixos e gordos. Rimo-nos, porque sabemos como somos, conhecemo-nos com alguma segurança e temos um bom pedaço de auto-estima, que nos leva a aceitarmo-nos dessa forma. E sabemos, porque já nos olhámos anteriormente a outros “espelhos”, sabemos bem, que aquela não é a nossa imagem verdadeira, apenas uma distorção da realidade!...

Estabelecendo um paralelo entre este jogo de palavras e a gemelaridade, temos que um gémeo pode ser visto e/ou sentido como a duplicação da imagem do outro. Que espelho reflecte que imagem? Qual é o verdadeiro e qual é o duplo? Qual é o modelo e qual é a cópia? Posso ver-me a mim no outro e/ou vejo o outro em mim?

Quando legitimava a entrevista individual com o Francisco, pedindo-lhe que ele falasse de si e do irmão, antes ainda de lhe ter feito qualquer pergunta concreta, ele retorquiu com veemência: «*Se pensa que eu lhe vou dizer que sou a sombra do meu irmão está enganada!*». A impetuosidade com que ele fez esta afirmação conduziu-me à desocultação da narrativa de si como um dos “espelhos” onde é possível construir “a imagem” afirmando a diferença da subjectividade objectivada pela exterioridade. «*A identidade é a história de si mesmo, que cada um se conta*» (Kaufmann, op. cit.: 131).

Não há humano sem corpo humano e sem significado humano (Teixeira, 2004: 10). O indivíduo tem necessidade de significado para se manter vivo; não só de ser mas também de afirmar o que está sendo. O problema do si mesmo consiste no sentido que dá à vida, o que Charles Taylor designa por «*configurações*» (1989, cit in Teixeira,

*ibidem*). «Estas configurações articulam o que vale para nós e o que nos constitui ontologicamente enquanto si mesmos humanos. Constituem a “nossa” ontologia do mundo, uma visão tácita que faz com que o meu corpo e a minha sensação de que sou se elevem acima da radicação natural.» (Teixeira, *ibid*: 11).

A identidade, o *self*, e o sentido imbricam-se mutuamente. Esta vinculação entre ser e ser um ponto de vista, esta construção de sentido é condição de possibilidade do indivíduo, sem a qual o sujeito não é capaz de prover para si mesmo um ponto de vista e um contingente de significados que o vitalizem.

O princípio nominalista, fundado numa ontologia social de agência individual, e a plasticidade das subjectividades articulam-se com a narratividade na configuração das identidades. A narrativa é, com efeito, um elemento central para a conceptualização da construção identitária pois é no acto narrativo que os sujeitos se constroem e se percebem conciliando identidade e diversidade. «*Ressalta que a operação narrativa desenvolve um conceito verdadeiramente original de identidade dinâmica, que concilia as mesmas categorias que Locke tinha como contrárias uma à outra: a identidade e a diversidade*» (Ricoeur, 1991, *cit. in Kaufmann, op. cit.*: 131).

A identidade de uma pessoa não se encontra no comportamento, nem – por muito importantes que o sejam – nas reacções dos outros, mas na capacidade de manter a continuidade narrativa. A biografia do indivíduo [...] deve integrar continuamente eventos que ocorram no mundo exterior, e escolhê-los para a “*estória*” contínua sobre o *self*. Como disse Charles Taylor, “de modo a termos uma ideia de que somos, devemos ter uma ideia de como nos tornámos no que somos e para onde vamos” (Giddens, 2001: 51).

O valor da narrativa foi tratado pelas ciências sociais, de forma redutora, como um meio de representação; Josso fala, mesmo, em «*categorias estandardizadas, construídas numa concepção cartesiana de recorte do objecto*» (2002: 202). Para Somers, «*enquanto esta definição representacional dominar, os cientistas sociais – de modo a poderem ser cientistas sociais – devem continuar a ver as narrativas como “o outro epistemológico” e como contraste simbólico da explicação causal*» (Somers, 1994: 614). Este *outro epistemológico*, uma vez que rejeita uma dimensão objectiva e universalista, dispensa «*o comportamento social observável – medido diversamente*

*pelos interesses sociais, preferências racionais ou normas e valores sociais» (ibidem: 615).*

A reconfiguração do conceito de narrativa reintroduz o sujeito. «*A identidade ganha uma aparência mais aberta e dinâmica, e impôs-se progressivamente uma forma: a narrativa» (Kaufmann, op. cit.: 131). As narrativas são as «histórias com as quais os indivíduos explicam os seus percursos de vida e processos de identificação» (Magalhães, 2001: 302) que lhes permitem atribuir significado e sentido às suas vidas.*

Recuperando algumas questões que nortearam esta investigação, neste ponto pretendo desvendar a importância da narratividade como estratégia de (re)construção da identidade dos gémeos neste jogo entre as representações dos outros e a auto-representação de cada um.

Como afirma Donald Winnicott «*quando vejo, consigo perceber quem sou, como sou, o que esperam de mim, através do que os outros me devolvem. E vice-versa, pois pelo que eu devolvo aos outros, expresso o que sinto, penso o que sou».*

Como fui afirmando ao longo do caminho percorrido até aqui, as identidades são construções subjectivas reflexivamente construídas no contexto social através de processos de identificação e de diferenciação. Acresce dizer que a forma narrativa é o fio organizador que permite ao indivíduo construir progressivamente o seu sentido de unidade<sup>1</sup>. Como afirma Kaufmann «*cada um narra-se a história da sua vida, que dá sentido ao que ele vive» (op. cit.: 132). Ou, nas palavras de Dubar, «é na construção de uma narrativa, o fazer e o dizer da história, que nós produzimos o self» (2000: 46).*

Para Atkinson quando contamos a história da nossa própria vida aumentamos o conhecimento de nós próprios, ao descobrimos um significado mais profundo nas nossas vidas através do processo de reflexão, e ao dar-mos expressão oral aos acontecimentos, experiências e sentimentos que vivemos.

What generally happens when we tell a story from our own life is that we increase our working knowledge of ourselves because we discover deeper meaning in our lives through the process of

---

<sup>1</sup> Só se é único porque se é diverso; esta *unicidade* pressupõe uma individualidade portadora de uma plasticidade de identidades.

reflecting and putting the events, experiences, and feelings that we have lived into oral expression (Atkinson, 1998: 1).

A história da vida não teria sentido sem os factos vividos; resulta de uma trajectória objectiva. «Giddens sublinha, contudo, a diferença essencial resultante da reflexão sobre essa trajectória, que para a identidade toma, logicamente, uma forma narrativa. A colocação em narrativa desmultiplica o processo identitário; o ego transforma um simples reflexo em reflexividade, pelas intrigas que ele inventa a partir da sua própria experiência» (Kaufmann, *ibidem*).

Explicitar é mostrar o potencial de sentido de uma experiência (Ricoeur, 1986, cit. in Josso, 2002: 173). A linguagem, além de mediadora entre o indivíduo e o social, é, também, constitutiva do próprio indivíduo: «Seguramente, a linguagem não é um simples meio, um instrumento análogo ao martelo ou à lima. Ela não serve apenas para colocar em comunicação consciências primeiramente constituídas separadamente. Ela é também constitutiva» (Henri Lefèbre, cit. in Lahire, 2003: 222). No seu uso quotidiano, a linguagem, enquanto expressão das subjectividades, amplia a construção de sentidos de si possíveis; o indivíduo, ao dizer-se, ao ouvir-se a si mesmo e/ou o que o outro diz, sente-se criador de si mesmo.

Dubar enfatiza que a «*questão da subjectividade [...] é uma questão de linguagem*» (2000: 205). A construção das subjectividades tem inerente um processo dialógico entre um eu consigo próprio e/ou com um tu, pressupondo uma relação dual entre língua e linguagem.

Berger e Luckmann afirmam que «*falo como penso e o mesmo faz o meu interlocutor. Ambos ouvimos o que cada um diz no mesmo instante, o que torna possível um contínuo, sincronizado e recíproco acesso às nossas subjectividades [...]. Mais ainda, ouço-me enquanto falo. Os meus próprios significados subjectivos tornam-se mais atingíveis por mim, de maneira objectiva e continua e, ipso facto, passam a ser “mais reais” para mim*» (1999: 49).

O sujeito é produto das interacções verbais com base em processos discursivos, contudo, é através da narratividade, enquanto discurso organizado reflexivamente, que ele se constitui. É da história que cada um conta acerca de si próprio que surge a

«narratividade do self» (Giddens, 1994: 208), processo paralelo à construção da subjectividade. A narrativa de si é um diálogo que ocorre na esfera privada, entre o eu e o mim, e que possibilita o (re)contar-se uma história de si a si mesmo e, por vezes, aos outros (Dubar, *op. cit.*: 235). Pensamos a nossa vida tal como a vivemos, através de narrativas (Gonçalves, 2000: 44).

Ao narrar-se, o indivíduo constrói uma versão de si mesmo no mundo: «a capacidade de construção narrativa e de inteligência narrativa é crucial para construir a nossa vida e um “lugar” para nós no mundo possível com que nos vamos deparar» (Bruner, 2000: 67).

Na mesma linha Somers afirma que «a narrativa é uma condição ontológica na vida social» (1994: 613). O indivíduo toma consciência do que lhe aconteceu ao integrar esses acontecimentos numa narrativa. Quando o eu se narra a si mesmo (re)constrói as suas identidades. O indivíduo reconfigura o passado, os contextos, as relações, através da história que narra no presente. Mesmo que estes elementos sejam objecto de determinação estrutural, aos narrá-los o sujeito adopta uma atitude mais reflexiva, agenciando-os e gerindo-os como entender. Assim, a narratividade não cria o real; interpreta-o e dá-lhe sentido. O sujeito faz o *bricolage* identitário, a partir de matéria estruturalmente delimitada, utilizando-a «como recursos discursivos na construção de sentido» (Magalhães, 2001: 320). Estes recursos assumem uma dimensão de estratégia agenciada pelo sujeito, em que este mobiliza os diferentes eus que o constituem em função da relação contextual e objectivos do momento.

O processo de narrativa biográfica caracteriza-se por ser intrinsecamente subjectivo. «A interpretação das narrativas biográficas obriga a um equilíbrio entre subjectividade e objectividade» (Atkinson, *op. cit.*: 58).

Kaufmann alerta para os perigos da produção narrativa de si, afirmando que «a identidade como narrativa biográfica é apenas uma forma entre outras de construção identitária» (*op. cit.*: 133). Um dos erros a evitar consiste em não acreditar que a narrativa de vida exprime fielmente a realidade da vida. Sendo «um momento crucial no processo de construção da realidade, o da passagem pela grelha de percepção

*identitária» pode, contudo, ser «um momento idealizador e simplificador» pelo que o investigador deve saber contextualizar e interpretar o que lhe é dito. Outro erro, mais subtil, prende-se com «a incompreensão dos graus de modelização» (ibid: 134).*

Não posso deixar de concordar, mas, será que quando o indivíduo narra a sua história esta é apenas fruto da sua capacidade inventiva? A este respeito Madam Sarup afirma que os indivíduos ao contarem a história da sua vida tendem a narrar aquela que efectivamente viveram e, em negativo, surge a outra que não lhes foi possível viver. A história que ele conta acerca de si não funda, então, a sua vida uma vez que as possibilidades que lhe foram vedadas estão presentes nas outras histórias que ele não pode contar acerca de si. Trata-se de uma anti-narrativa (Sarup, 1996: 25); uma vida impossível de ser narrada face à impossibilidade de ser vivida perante as não possibilidades conferidas. Face aos determinismos e constrangimentos, o sujeito vê-se impossibilitado de negociar as suas escolhas (Magalhães, 2004: 6). Com efeito

A identidade não é auto-suficiente; é necessariamente completada por uma certa ausência, sem a qual não existe. Parece útil perguntar às identidades o que elas implicam e o que é que elas não dizem. Ou à volta ou no limiar, o explícito requer o implícito. Tal como no discurso, para se dizer alguma coisa, há outras que não devem ser ditas. O que é importante na identidade não é aquilo que se pode dizer, mas, sobretudo, aquilo que não se pode ser (Sarup, *ibid.*: 24).

Para Sousa *«os relatos são textos nos quais a economia interna nem sempre é uma qualidade, já que certos aspectos são mais desenvolvidos que outros, mas são sempre sínteses, com omissões e selecções, também influenciadas pelo tipo de consumo a que se destina, público ou privado. Em última instância, as autobiografias e os relatos de vida são versões particulares do próprio “eu”, dependentes do tempo do relato, ou seja do momento da vida em que se produz a escritura do próprio eu; os relatos autobiográficos são ferramentas para a construção da identidade que, por sua vez, é estruturada pelo contexto social e pelas relações de género»* (Sousa, 2006: 41).

O facto de ter optado, metodologicamente, pela recolha a dois tempos das vozes dos gémeos investigados permitiu que eles próprios pudessem ter outras ideias sobre eles próprios e sobre o mundo diferentes do momento em que se iniciou o processo.

A narrativa confere significado e sentido às acções e opções constitutivas da história dos indivíduos, mas não criam por si só a sua vida. Como afirma Josso, «*as narrativas contam evidentemente vivências mas contam-nas devolvendo-nos já uma significação, por mais sumaria que ela seja*» (*ibidem*).

Importa considerar a narratividade identitária, o modo como os indivíduos constroem as suas identidades através do e no discurso narrativo, bem como o silêncio narrativo, como estratégias agenciadas pelos gémeos na construção da diferença. Para isso, escutei em vez de ouvir...

### **SOU GÉMEO E NÃO GOSTO. SOU DIFERENTE!**

O modo como a gemelaridade é vivida pelo Rodrigo e pelo Gustavo transparece na narrativa. Não gostam de ser gémeos, embora consigam encontrar aspectos positivos

**G:** Às vezes era um bocadinho cansativo!... Porque as pessoas enganavam-se...

**R:** Eu vou ser sincero: não gosto de ser gémeo; vejo sempre as pessoas “Ah, eu gostava de ter um irmão gémeo”; mas isso é... eu, por acaso, não gosto! ... Não tem nada a ver com ele!... Mas não gosto!

**G:** Isso acontece... porque as pessoas estão sempre a confundir; mas em alguns aspectos até é bom! Porque temos sempre um irmão em casa... quando queremos brincar.

Ambos procuram formas de afirmar a diferença, rejeitando uma atribuição gémea de identidade. A construção da diferença passa pela narratividade, subjectivando a objectividade:

**G:** “Ah, é mesmo igual...”, não sei quê. Eu não acho que sou mesmo parecido com o meu irmão, mas eles dizem que somos... que somos mesmo parecidos!

**R:** Eu também não acho...

A narrativa de si organiza-se em torno de um objectivo claro de invenção de si, que é sustentado quer por diferenças objectivas mínimas (ter ou não um sinal) quer por um projecto plástico de identidade divergente. Ao pedir ao Rodrigo que se definisse a si próprio, ele construiu uma narrativa de si como que em negativo do irmão, afirmando constantemente a diferença: quer ser diferente especialmente do Gustavo.

**R:** Eu, em relação a ele, ele é um pouco mais antipático, mais reservado, mais... mais... Eu não, sou desinibido; por vezes sou tímido, mas sou mais simpático que ele; ele é um bocadinho antipático. Eu

digo: em relação ao meu irmão, só somos parecidos por fora, mais nada. Temos aspectos e personalidades completamente diferentes; mesmo na maneira de vestir, eu sempre fui assim um bocadinho mais desportivo; ele não. Foi sempre assim um bocadinho mais “betinho”. [...] Eu sou diferente! Ando na minha! Gosto de ser diferente! De toda a gente e dele em especial, porque eu agora tenho que me assumir e pronto, é daí que vem: eu não gosto de ser gémeo! Não sei porquê, mas desde pequeno que não gosto de ser gémeo. Eu assumo que quero ser diferente perante as outras pessoas mas mais por causa dele! [...] Desde sempre me quis... mostrei que era diferente e que não tinha muito a ver com ele. [...] É a minha personalidade, uma pessoa olha p’ra mim e vê logo que é o Rodrigo...

A construção da diferença passa tanto pela não narrativa do irmão, como pela exclusão da gemelaridade na narrativa de si.

**R:** [...] Calhou assim... teve azar porque é uma coisa de que eu nem gosto de falar, de ser gémeo! É um esforço! Eu estou aqui a fazer um esforço... não tem nada a ver consigo nem com nada, mas é uma coisa de que eu não gosto de falar... sobre mim e sobre o meu irmão. [...] Falo só quando as pessoas já conhecem e sabem que tenho um irmão, porque quando não conhecem não digo que sou gémeo; mostro-me a mim mesmo, não digo que tenho um irmão gémeo. Só se as pessoas já souberam é que vou dizer as minhas diferenças em relação a ele: sou assim ou assado. Mas se não souberem eu também não vou dizer... para ser o Rodrigo, só! Não ter nada a ver com o Gustavo, é o irmão dele mais nada!

O silêncio é uma forma bastante eloquente de falar. Foi bastante difícil conseguir fazer uma segunda entrevista com estes gémeos; aliás, só consegui com o Rodrigo e após várias tentativas ao longo de meses, quando já tinha quase desistido. O Gustavo demonstrou não querer fazê-la, ao recusar-se a atender as minhas chamadas e ao não responder às várias mensagens escritas que lhe enviei. Inferi deste silêncio um incómodo provocado pela entrevista conjunta. A relutância em falar sobre a sua condição de gémeo, o silêncio narrativo, revelou-se uma estratégia de construção identitária. O Rodrigo acedeu dificilmente à entrevista individual; a atitude desligada que assumiu ao longo da entrevista provocou em mim algum desconforto até que percebi que o problema não era comigo mas sim com o facto de ser gémeo.

### ***Será que nós somos umas sortudas?!...***

Para a Ana Rute e para a Vera a condição de gémeas é tida como um motivo de orgulho e de sorte, pelo que sentem ambas necessidade de falar sobre a irmã e de pertencer ao seu grupo de amigos. «*Se falo é porque gosto*»; no entanto, esta dimensão é tão pessoal que não se diz a qualquer pessoa.

**V:** Há pessoas que nem sabem que somos gémeas. [...] Às minhas colegas e aos professores costumo dizer, assim a qualquer pessoa não. [...] Gosto, porque tenho orgulho quando digo que sou gémea. Por vezes penso até que nem sou gémea! [...] Agora não é tão raro, mas quando éramos mais novas como não era tão comum encontrar gémeas pensava: “Será que nós somos umas sortudas?!”.

**AR:** Não vou logo dizer que sou gémea! Se não ainda pensam que estou a ser convencida! [...] Mas também depende da pessoa, não digo a qualquer pessoa.

Gostam de ser gémeas no entanto preferem ser tratadas de outra forma: «*Gémeas não; manas!*»; ou manas gémeas, o que reforça ainda mais o sentido de unidade, de tal modo que a AR afirma: «*Não sinto grande necessidade de me afirmar, somente aos meus amigos porque vão ter com ela e tenho que os alertar*».

Sentem a gemelaridade como uma condição que tanto pode ser positiva como negativa: «*Não é mau! Tem as suas vantagens e desvantagens*»; no entanto, os aspectos positivos são, para elas, superiores aos negativos.

**V:** Positiva, porque as pessoas passam por nós e confundem-nos. E isso é engraçado porque os meus colegas conhecem-na e eu conheço os dela e vêem as diferenças. A parte negativa é só a parte do namoro. No entanto, há mais vantagens que desvantagens! [...] O facto de sermos gémeas chama mais a atenção, as pessoas fixam-nos mais e acham piada.

**AR:** Por sermos gémeas, damos mais nas vistas. Por exemplo, tenho uma colega da Escola Comercial que se lembra de mim por ser gémea, e como íamos de igual dávamos mais nas vistas e as pessoas tentam falar. O facto de estarmos em cursos diferentes, escolas diferentes, quando vamos ao Terreiro, os nossos colegas trocam-nos e colegas dela vêem-me a mim e dizem “Olá”, pensando que sou a minha irmã. E o mesmo acontece com ela.

A semelhança não é problema; constitui um recurso para ampliar o leque de amigos e/ou conhecidos. O facto de serem frequentemente confundidas «*até é bom*» e é uma situação com a qual convivem com normalidade: «*Não é uma questão de gostar ou não. Aceitamos normalmente. Não há problema. [...] Entre nós o facto de sermos gémeas é levado com normalidade*». No entanto, por vezes, pode constituir embaraço, pelo que preferem desfazer equívocos: «*Já aconteceu várias vezes nos confundirem, mas reagimos normalmente. Desfazemos sempre. Nunca houve muito dessas “trafulhices”!*» Tanto mais que, ao fim de algum tempo, os amigos tornam-se comuns e agem como se elas fossem “apenas irmãs”: «*Noto que é mais no início quando nos estão a conhecer. Depois, no dia-a-dia já agem normalmente como se fossemos apenas irmãs.*»

Os aspectos positivos que referem prendem-se com a cumplicidade entre ambas, a companhia que sempre fizeram uma à outra e com a relação de amizade que as une: «fazemos por ser amigas, gémeas e irmãs». O sentimento de complementaridade é também visível nas suas narrativas.

**AR:** Sou bastante tímida no início e o facto de ser gémea ajuda-me imenso, porque, às vezes, ela faz um bocadinho o papel daquilo que eu não conseguia fazer, e o resto eu fazia. Completamo-nos! E isso traz vantagens.

Não se imaginam uma sem a outra; só se for por um dia, para ver como seria... A singularidade é impossível de ser narrada face à não possibilidade de ser vivida: «Acho que estou bem assim. Já pensei se fosse filha única, mas acho que não.» (Vera)

**AR:** Ser gémea ou não? Eu gosto de ser gémea. Lembro-me que os meus colegas, quando falavam que tinham problemas com um irmão mais novo, ou mais velho. Às vezes, dizia que gostava de estar na pele deles para ver se era mesmo assim! [...] Gostava de estar só por um dia para ver como é que era!

O relacionamento entre ambas sofreu um distanciamento nostálgico:

**V:** Antes éramos como uma pessoa: sempre juntas, nos mesmos ambientes, falávamos de tudo, nunca nos separávamos. Agora, vejo que parece que cada uma segue o seu caminho. Como se cada uma tivesse raízes para diferentes lados. Começámo-nos a separar, mas não totalmente, e a criar formas de viver o nosso... o seu caminho individual.

A procura do caminho individual é gerida de forma ambivalente; se por um lado a completude que a gemelaridade lhes dá permite uma *invenção de si* mais forte, sociável, empática e disponível, por outro lado, quando o elo é cortado, os recursos disponíveis diminuem, a competição é declinada e a completude torna-se incompleta. A narrativa de si é uma narrativa de nós. O passar de «*um para dois*», para o «eu sou eu, e ela é ela» exige um “novo sentido de identidade<sup>2</sup>”, uma reinvenção de si activa e reflexiva. Parece que tanto a Ana Rita como a Vera se encontram «*a crescer*».

---

<sup>2</sup> Wallerstein e Blakeslee referem o “novo sentido de identidade” como necessário após um divórcio, e que, para Giddens, «é uma versão agudizada de um processo de “encontrar-se a si mesmo” que as condições sociais da modernidade exercem sobre todos nós. Trata-se de um processo de intervenção activa e de transformação» (Giddens, 2001: 11).

**AR:** Uma coisa que tenho vindo a descobrir é que não me afirmo muito. Não ligo muito a mim... Mas está mal! Então, ando a tentar “emendar”... e pensar mais em mim...

**V:** Nós, às vezes, pensamos sobre as atitudes que tomamos, e a vida leva-nos a pensar o facto de sermos gémeas. [...] As situações, o contexto, as vivências, às vezes, pensamos que se não fossemos gémeas, certas coisas não aconteciam. [...] Leva a conhecer-me, mas também como penso muito, se calhar, por isso é que digo isto! (risos). Às vezes, estou sozinha e penso nisso, inconscientemente. Talvez seja de eu ser assim muito pensativa que me faz reflectir ainda mais. [...] E a pensar em mim como pessoa única. Se bem que ultimamente tenho sido muito mais [reflexiva], talvez seja porque estou a crescer!

## **Sombra, Duplicação ou Transformação?**

Às quinze horas de uma tarde de domingo encontrei-me pela primeira vez com o Paulo e com o Francisco num bar com música de fundo e ambiente agradável. O F pediu um café e uma água com gás e o P pediu «*O mesmo*». Quando questionado pelo empregado relativamente à água respondeu novamente «*O mesmo!*». A entrevista conjunta decorreu num ambiente agradável embora tenha sentido que alguma nostalgia pairava no ar. Por vezes senti que não fazia ali falta, que aquela conversa a três poderia muito bem ser a dois; há muito que vinha sendo adiada. Esta conversa a três serviu para que fizessem uma retrospectiva das suas *estórias* e, mesmo, reflectissem sobre aspectos que, como eles próprios referiram, nunca tinham pensado. Serviu também, parece-me, para que esclarecessem alguns conflitos pendentes. Continuaram a referir situações, a maior parte delas ocorridas durante o tempo em que estudaram juntos em Espinho, como o facto de não sentirem necessidade de ter um telemóvel para cada um: «*tinham um p'ros dois*». A cumplicidade entre ambos foi evidente durante todo o tempo que estivemos juntos. Pareceu-me que faziam questão de mostrar o quão bem se entendiam enquanto o «*caminho era o mesmo*», nas suas próprias palavras, sendo que, por vezes, parecia haver alguma nostalgia desse tempo. O FF chegou a referir com alguma melancolia, que não ponderou oportunamente a possibilidade de tocar o mesmo instrumento que o irmão. Partilharam o mesmo maço de cigarros e a conversa foi muito entre eles. Sentados lado a lado, de frente para mim, a sua postura foi muitas vezes a de uma conversa a dois, na presença de um terceiro elemento, como se sentissem necessidade de uma proximidade que a distância física não permite.

Estas reflexões, que registei como notas de campo após a realização da primeira entrevista, sofreram um embate quando o FF me disse veementemente logo no início da entrevista individual: «*Se pensa que eu lhe vou dizer que sou a sombra do meu irmão está enganada!*». “Passou-se aqui qualquer coisa!...” pensei.

Com um percurso pessoal e académico muito próximo, o PF e o FF centraram bastante a sua narrativa em torno da música, como projecto de vida escolhido pelos dois, e Espinho, como local significativo do seu trajecto de vida. Dizem gostar de ser gémeos, no entanto, «*agora é diferente*». O Francisco diz que tem saudades de andar na rua com o irmão; o facto de se sentirem olhados até «*é giro*»!

**FF:** Vamos na rua, agora já não acontece tanto, porque andamos menos vezes juntos, mas já sinto saudades. [...] As pessoas reparam e é motivo de conversa. [...] Quando estou com ele, até gosto que as

peessoas reparem que somos gémeos. Despercebidos não passamos, de certeza! Se queremos passar despercebidos andamos sozinhos, aí sei que não vão olhar.

Para eles, a gemelaridade tem aspectos positivos e negativos:

**FF:** Ainda há pouco tempo aconteceu, fomos a uma entrevista e as pessoas olhavam muito para nós. É mais comum ver duas crianças gémeas que adultos., talvez por isso a gente conhece mais pessoas, ou não! [...] É giro, tem situações boas, mas também tem coisas menos boas. Acho que aquilo que eu faço não deve influenciar na vida do meu irmão, [...] E com gémeos acontece mais isso. Associam gémeos a iguais! E acho que os gémeos têm a sua personalidade e maneira de ser, acabam por ser iguais visualmente mas interiormente não o são, há sempre diferenças.

O Paulo realça a amizade, o companheirismo e a cumplicidade entre ambos como aspectos positivos: *«Nas alturas que nos sentíamos mais em baixo e se calhar precisávamos um pouco mais de apoio, acabávamos por nos apoiar um ao outro, e acabava por ser o melhor amigo!»*. Refere também que a condição de gémeo amplia o leque de amigos. Ser gémeo é engraçado e presta-se a confusões e a brincadeiras; de tal modo que no ensino secundário o Francisco foi a uma aula de auto-avaliação pela vez do Paulo.

**PF:** Trocámos de camisa, naquela altura tínhamos camisa diferente, trocámos de camisa, as carteiras... não sei quê... ele foi p'ra dentro da sala, sabia qual era o meu lugar lá na sala. [...]

**FF:** Era engraçado porque todas as pessoas na sala sabiam, e a professora dizia “Eu, ... era suposto dar-te uma nota maior, mas só porque tu te portas muito mal nas aulas...”, eu virava-me p'ra ela “Não professora, nunca me portei mal nas suas aulas...” e os colegas todos desatavam-se a rir porque eu não!... Eu não, de certeza, porque era a primeira vez que estava ali na aula. Foi engraçado!

A ajuda mútua, a nível escolar, e a competição entre ambos, vista como uma “rivalidade construtiva”, permitiu-lhes chegar sempre mais além: *«Há sempre um despique entre nós os dois, sabem que gostamos de picar um com o outro, o que acaba por ser construtivo e não destrutivo»*, diz o Francisco.

Como aspecto negativo e que, de alguma forma, os afastou, o Paulo refere a disputa pela liderança como forma de afirmação:

**PF:** [...] o contrariar a situação, o facto de ele tentar ser líder e eu não querer. E muitas vezes, ele tentava ser líder e eu contrariava-o. [...] Nunca tentei impor-me. Só me queria defender. Ele tem a vida dele e eu a minha, era mais isso. E ele queria controlar a minha vida. Nunca procurei mandar na vida dele. [...] A posição de líder nele acaba por ser mais vincada. Ele tenta sempre mostrar isso, e eu só deixo se quero!

**FF:** Houve uma altura que senti essa necessidade, mas foi para fazer ver às outras pessoas. Penso que os gémeos tentam diferenciar-se uns dos outros. A diferença marca a diferença, e cada pessoa procura isso.

São gémeos e são parecidos; isso presta-se a confusões. Os equívocos são normais: Não há *«qualquer problema, acho que até é engraçado»*. [...] *«As pessoas acabam por brincar um “bocadinho” com a situação e nós toleramos. Os professores vêm ter connosco pensando que um é o outro. E mesmo as pessoas que sabem que somos gémeos se enganam. Se forem pessoas que estejam há muito tempo connosco não se enganam; apercebem-se logo na maneira de ser e de estar»*, afirma o Paulo. Só desfaziam o engano se necessário:

**PF:** Num exame que ele tinha de oboé, eu fui ter com ele e o professor deu-me os parabéns pela prova, continuou a falar e a entrar em pormenores muito técnicos que eu não sabia e tive que me “descoser” e dizer que era o irmão gémeo do Francisco! E ele a pensar que estava a brincar...

Tiveram *«uma chatice um bocado grande e as coisas ficam sempre marcadas»*, recorda o Paulo. Esta situação de conflito entre ambos provocou um afastamento que a distância aumentou. A narrativa do outro está cheia de ressentimentos mútuos; o *nós cúmplice* da entrevista conjunta revelou-se um *eu ressentido* na entrevista individual.

**PF:** A nossa relação ficou um bocado queimada na altura em que estudávamos em Espinho. E nos 3 anos que lá estivemos, logo no 1.º ano estava a correr tudo bem, depois houve uma mistura de situações. Primeiro uma rapariga, eu gostava dela e ele apaixonou-se por ela também, e depois começaram a namorar. Depois o facto de ele ser líder entre nós, e já na altura quis assumir esse papel. E, é lógico que não gostei. E essa mistura de situações acabou por nos afastar um bocadinho. Se calhar o grupo de amigos também era diferente. Eu queria aproveitar o meu tempo para estar lá a estudar e, ele tinha mais tempo para se divertir e acabava por me incomodar. Sempre vi nele uma pessoa menos preocupada que eu.

De tal modo que o Paulo afirma que o Francisco *«Metete uma máscara para se fazer forte e acaba por não ser»*.

**FF:** Queria afirmar as minhas ideias o que acabou por gerar um choque de ideias. Não quer dizer que sejam diferentes, mas como costume dizer “cada um puxa o rabo à sua sardinha”!

Nunca sentiram necessidade de afirmar a diferença até ao momento em que o “Paulo Gémeo” passou a ser “Paulo Músico” e o “Francisco Gémeo” passou a ser “Francisco Músico” que começou a namorar com a rapariga de quem o “Paulo Gémeo” também

gostava. Então, o “Paulo Músico”, também “Paulo Gémeo”, reinventou-se “Paulo Percussionista” e o “Francisco Músico”, também “Francisco Gémeo”, reinventou-se “Francisco Oboísta”.

**PF:** Paulo Fernandes e Francisco Fernandes. O músico nunca está só ligado a um nome, mas também a um instrumento. Exemplo: O Paulo da percussão, o Paulo dos gémeos.

A reinvenção de si não foi pacífica; promoveu uma série de espaços e tempos de invenção que vão da reivindicação de privacidade à diferenciação do grupo de amigos.

**PF:** Eu lembro-me, por exemplo, a escola tinha um salão de percussão, e só iam p’ra lá os percussionistas, não é!?!... Eu ia p’ra lá estudar e acabámos por fazer aquele grupo de amigos que vão sempre àquela hora ali estudar, ou que no final vão beber um copo juntos... e ele estava noutra sala, noutra departamento, ia lá ... fazia a mesma coisa com os amigos dele. [...]

**FF:** O próprio meio... a própria situação acaba por nos separar...

**PF:** Depois é a tal coisa, não é!?!... As amizades acabam por nos influenciar... em feitos, em maneiras de estar...

O conflito e a competição são recorrentes. A distância permite um novo modo de ser: o Paulo Percussionista do Norte e o Francisco Oboísta de Lisboa.

**PF:** Existe o factor distância, não é!?!... Ele está em Lisboa, conhece o mundo ali... o mundo dele é à volta de Lisboa, eu estou no Norte, sou mais conhecido na zona do Norte...

A construção da diferença passa pela «*busca da perfeição*». Só o «*tempo permite a transformação*». O Paulo reconta a sua história com o Francisco num recital a que dá o nome de *Alquimia*, que vai pôr em cena com a colaboração do irmão:

**PF:** A peça acaba por ser pensada totalmente em nós [...] chama-se “*Alquimia*”. Aquilo que eu tentei fazer na peça foi aquilo que se passa entre mim e o meu irmão. O aspecto sombra, a duplicação, a magia que há. A pesa baseia-se na busca da perfeição, que é um dos objectivos da alquimia, tem vários significados e eu peguei num deles: a pedra filosofal. E a peça relata a altura em que o alquimista está no laboratório e se dá essa transformação, mas ele acaba por não perceber e achar que é a própria sombra e no final só a idade lhe vai dizer que a transformação foi feita. E brincar com o factor da magia, ou seja, através de um pano no palco as pessoas vão pensar que é só uma pessoa e só no final é que vamos encontrar os dois, no final voltamos à transformação, voltamos ao mesmo, ele sai.

O meu irmão [é o “sombra”]. Acaba por haver um conflito na peça, na altura em que há a transformação temos dois factores que nos identificam, um deles é o querer ser líder, como se um explorasse o outro, e o querer dar nas vistas. É o que acaba por acontecer entre nós.

O Paulo interpretou inter subjectivamente, o que se passou com ele e com o irmão, aumentando, assim, o conhecimento de si próprio e do outro, o que lhe permitiu reinventar-se. «*É neste face a face com este “si mesmo como um outro”, segundo a fórmula de Ricouer, que a estranheza de si pode começar a ter lugar*» (Josso, 2002: 143).

## ***É muito complicado!***

Para a Alexandra e para a Inês a gemelaridade é narrada como muito complicada, apesar de, como afirma a Alexandra «*hoje em dia as pessoas já têm outra ideia acerca da complexidade que é ser-se gémeo; eu acho que .... As pessoas já têm outra ideia a esse respeito e outros conhecimentos que não tinham anteriormente*»

Mais do que de um *eu*, a narrativa é de um *nós*. Cada uma não é mais do que um elemento de um conjunto: «*nem sei se era conjunto... as gémeas eram uma!... Nem sequer tinham o nome “Alexandra” e “Inês”, eram “as gémeas”...*», afirma a Alexandra.

Não considerar a diferença nos gémeos, igualizá-los, pode ser constrangedor. Este tratamento de igualização não é vivido da mesma forma por ambas; no entanto, é tido pelas duas como negativo.

**IF:** Era “as gémeas” não era a Alexandra e a Inês. Isso, p’ra Alexandra, causou problemas, sermos tratadas como um conjunto. Questiona mais essa atitude, eu não; nunca questionei muito isso. O meu pai era “as gémeas”; nunca era “a Alexandra e a Inês”. A minha irmã ainda mencionou muito esse facto: “O pai nunca nos tratou individualmente; tratou-nos sempre como um conjunto”. Eu não. Sei que o fazia mas não questionava tanto.

A Alexandra sentiu mais esse facto. Questionou desde sempre este tratamento de igualização que gerou, nela, um sentimento de revolta e uma necessidade de afirmação da diferença, enquanto que a Inês não o questionava.

**AF:** Não, ela não se importava tanto... pelo menos se se importava não o revelava, exteriormente não o revelava... eu sim! Eu achava isso horrível porque eu achava que era diferente, que tinha os meus gostos... as minhas preferências e que não éramos um conjunto pronto, que eu não devia fazer sempre aquilo que eles queriam que eu fizesse em relação ao conjunto... [...] É assim: são gémeas têm que fazer a mesma coisa, gostar das mesmas coisas, fazer as mesmas coisas... e eu revoltava-me um bocado com isso.

O rótulo “gémeas” «*incomoda*». A distinção, por parte dos outros, foi tardia; e a necessidade de afirmação da diferença vivenciada de forma diferente por cada uma.

**IF:** Por exemplo, temos amigos que ainda falam nas gémeas como um todo. A nível familiar alguns já fazem a distinção. Quando éramos mais pequenas era mais aquela coisa de conjunto, fomos crescendo e a começou-se a notar que nos consideravam mais como duas pessoas diferentes, [devido ao] facto de começarmos a afirmar-nos como duas pessoas diferentes. Enquanto crianças, éramos diferentes mas funcionávamos mais como uma, à medida que fomos crescendo as diferenças foram-se acentuando e começamos a funcionar como duas pessoas mais autónomas, quer dizer, uma mais autónoma da outra.

A invenção de si foi parcial, ou seja, apenas a Alexandra se afirma diferente e necessita de o mostrar. Afirmação da diferença passou por mostrar desagrado em relação ao tratamento de igualização e unificação; mas foi difícil...

**AF:** Começou p’la roupa, acho eu!... Começou aí, p’lo facto de não querer usar a mesma roupa. E depois mostrando o desagrado em relação ao facto de termos de gostar das mesmas coisas e fazer as mesmas coisas... mas é como lhe digo, foi muito difícil no contexto familiar... mesmo muito difícil; eu acho que... mas eu... eu sofri bastante em relação a isso, até muito tarde porque... até muito tarde a ideia é que, pronto nós tínhamos realmente que fazer o mesmo tipo de vida e andar, realmente, sempre as duas.

A Inês não vivenciou esta situação de forma tão negativa:

**IF:** Acho que ela se sentiu mais prejudicada por sermos gémeas do que eu. Sentiu mais esse facto. Acho que para ela foi mais negativo... ela pensa que foi negativo sermos gémeas e sermos tratadas da mesma maneira, como um conjunto, muitas vezes, e não como duas pessoas individuais, do que eu. [...] Nunca me preocupou o facto de ser gémea, nunca foi um problema para mim ser gémea, de andar vestida de igual. E mesmo agora quando se referem às gémeas também não tenho problemas com isso, somos pessoas diferentes.

A invenção de si, para a Inês, foi uma invenção da Alexandra; se por um lado reivindicava para si o direito à diferença, por outro, modelava a Inês à sua imagem, o que complicava, e ainda complica, o relacionamento entre ambas:

**AF:** Depois, à medida que fomos crescendo, há necessidade de a pessoa se afirmar, não é?!... Como uma pessoa individual. Porque, realmente somos gémeas mas temos feitos muito difíceis... [...] Aí complicou-se um bocado! Muitas vezes ela disse-me... e se calhar eu também o fiz, não sei... ela acha que eu sempre tive a ideia de impor as minhas ideias, pronto: “Eu sou de determinada maneira, consigo ser mais sociável, tu tens que ser igual a mim!”, e ela às vezes, pensando nisso, diz: “Tu não podes querer que eu seja igual a ti...”. Se calhar eu também a dominei... foi por isso que... que ela ficou mais dependente... provavelmente também aconteceu isso... [...] Ela diz muitas vezes: “Tu sempre quiseste

que eu fosse igual a ti!”. Ela às vezes diz-me isso... “E nós não somos iguais”. [...] No fundo, ela não era assim e eu não tinha nada que o dizer; é um bocado complicado!

**IF:** A nossa relação é muito complicada. Nós gostamos muito uma da outra, mas acho que ela se intromete muito na minha vida, continua a considerar-me como uma criança. Como se ela fosse a minha irmã mais velha e tem que tratar de mim, orientar-me e tudo, como se não tivesse autonomia para nada.

Vantagens, para a Alexandra, são difíceis de encontrar «*Vantagem... vantagem eu acho que foi... brincávamos sempre as duas, nunca sentimos a solidão porque tínhamos sempre ali a irmã... eu acho que vantagens há; mas que... eu acho que na altura as pessoas não se apercebiam bem do que era ser gémeo ou não e acho que fomos prejudicadas por isso... pronto, acho que fomos prejudicadas...*» Agora, as desvantagens são imensas:

**AF:** Agora, se quer que lhe diga... vantagens na minha vida pessoal, porventura o facto de não me sentir sozinha nunca porque tinha sempre a irmã, pronto; mas, por outro lado... isso também implicava que eu tivesse que fazer a vida que ela fazia, não é?!... Não tinha autonomia para fazer outro tipo de vida... portanto... é complicado p’ra mim arranjar vantagens... vou descobrir vantagens... [ri-se]. As desvantagens, como eu já disse, foram... foram imensas

A maior desvantagem que encontram, além da redução à unidade, é a comparação: «*a comparação, fez-me muito mal. Éramos vistas como um conjunto e não como duas pessoas individuais*» diz a Inês. Comparação, a nível familiar, entre “o conjunto” e o irmão mais velho: «*Entre as duas acho que não havia comparação, éramos comparadas o conjunto, lá está, juntas com o irmão...*», afirma a Alexandra. Comparação entre ambas, a nível académico; uma mais organizada outra desorganizada, uma com mais apetência para determinadas áreas, outra com apetência para áreas diferentes e, na mesma disciplina, comparação entre os desempenhos de uma e de outra:

**IF:** [...] Em relação a mim e à Alexandra, pedia-me para eu ler o texto, ou a Alexandra lia o texto, depois fazia uma pergunta à Alexandra sobre o texto, e a Alexandra teve dificuldades sempre em filosofia, e dizia. Depois perguntava à turma: “Quem é que tem razão?”, depois perguntava-me a mim “Inês, o que é que tu achas do texto?”, e eu respondia. Depois questionava p’ra turma: “Quem é que tem razão, a Inês ou a Alexandra?”; depois era quase sempre eu. Aí a Alexandra sentia-se mal e eu também me sentia mal porque era um método péssimo; Aí, a comparação era muito má!... Não se devem comparar as pessoas! Depois aquela coisa: “Quem é que tem razão?” e depois toda a turma “A Inês...” e a Alexandra sentia-se mal; acho que chorou... houve situações em que chorou mesmo.

A comparação, a nível académico, e o facto de estarem na mesma turma, desencadeou uma situação de dependência da Inês em relação à irmã, o que acabou por fazer com que ficasse retida:

**IF:** Porque se calhar sabia que tinha o apoio da Alexandra, não é!?... E que tinha ali o caderno dela para estudar... Estava muito dependente dela... Ainda hoje ... se calhar!...

A nível familiar também havia comparação; a Alexandra sentia-se preterida em relação à irmã. *«Pronto... com base naquilo que eles iam dizendo... afirmando... em gestos..., pronto realmente eu era um bocado esquiwa e às vezes tinha reacções um bocado bruscas e discutia, e as pessoas acabavam por fazer a comparação, lá está... “A tua irmã é muito mais sossegada... a tua irmã não faz isto, não faz aquilo...”*, e eu achava que gostavam mais dela e não de mim, por causa disso [ri-se]».

Relativamente aos amigos, era a Inês que se sentia preterida: *«sentia-me sempre preterida; os amigos eram da A, não eram meus. Chamavam “A vem brincar” não diziam “I vem brincar”»*. Foi-se afastando: *«essa comparação também existia e sentia-me triste, não era sociável, ... Ia sabendo as coisas indirectamente e fui-me sentindo inferior»*. Estes problemas de socialização persistem até hoje. Diz a irmã mais sociável, mais independente, mais extrovertida... mais tudo, o que nela diz menos.

**IF:** Mais independente do que eu... a ideia que tinha era que ela era muito mais independente, era muito mais segura do que eu... gostavam muito mais dela do que de mim, lá está... porque tinha muito mais amigos do que eu! Senti-me sempre um bocado triste... era mesmo assim!

A comparação constante desencadeou o desejo de ser diferente:

**AF:** Eu, pessoalmente “eu quero ser diferente” porque toda a gente insistia que tínhamos que ser iguais! E se por ventura essa insistência não tivesse sido notória, acabávamos por ser mais próximas, talvez, ou não haver essa necessidade: “eu tenho que ser diferente, tenho que me afastar, porque eu não quero ser igual”, não sei... mas a sensação era essa... que eu tinha que ser igual, que os gémeos eram um ser ... gémeos, mas um ser. A ideia que eu tinha era: eu quero ser diferente!

Apesar deste querer ser diferente, a gemelaridade é uma condição que não esconde. Ficou muito chocada e magoada quando descobriu que a Inês omitiu o facto de ser

gémea quando foi para a universidade. A Inês procurou construir a sua identidade à revelia da gemelaridade.

**AF:** Quando a minha irmã foi p'ra faculdade não disse que tinha uma gémea... Isso magoou-me muito a mim, porque... pronto, eu já estava na faculdade e ela achou que não devia dizer!... Eu disse! Eu disse logo que tinha uma irmã gémea e falava imenso, e tanto quanto ainda no primeiro ano ela foi passar lá uns dias a Lisboa, toda a gente sabia quem era ela: a minha irmã. E ela, quando foi, não referiu que tinha uma irmã gémea. Ainda hoje nós falamos nisso... Isso magoou-me muito na altura, quando eu me apercebi disso. A primeira vez que eu me apercebi disso, quando contactei com os amigos e vi que ela não tinha dito que tinha uma irmã gémea [fala bastante pausadamente, marcando cada palavra] eu na altura não falei... agora, pronto, como estamos mais crescidas e falamos com mais abertura... na altura fiquei muito chocada e fiquei muito magoada com ela porque eu tinha... embora sentisse que eu era diferente e sempre fui diferente, sempre tive orgulho em ter uma irmã gémea e nunca o escondi!... Até falava dela com amizade e com bastante frequência e chegar ao grupo de amigos e aperceber-me que ela não tinha dito que eu era gémea, foi a pior coisa que eu podia esperar [ri-se], foi a pior coisa que me fizeram... [ri-se]. Agora sabem, sabem que eu tenho uma irmã e que é gémea... e que está a viver comigo!... Agora... está a viver comigo.

O relacionamento entre ambas é «*complicado*»: «*A nossa relação é um bocado estranha, nós gostamos muito uma da outra mas temos uma certa dificuldade em dialogar*». A gemelaridade é muito complicada, de tal modo que ambas dizem precisar de ajuda:

**AF:** Acho que devia uma haver ajuda... eu acho que nós precisamos... Não sei, isso também depende do contexto familiar, mas eu acho que teria sido muito importante se, enquanto novita, tivesse conversado com outros gémeos, tivesse trocado estas experiências...

A Inês também acha que precisa «*de terapia porque sou muito insegura, não consigo fazer socialização, tenho dificuldade em me relacionar com as pessoas, a minha auto estima é muito baixa e preciso de ser ajudada. Se não tiver esta ajuda vou andar mal o resto da vida; já devia ter feito isso há muitos anos*». A situação de entrevista, de alguma forma, ajudou-a: «*gostei de falar consigo... até desabafei. No fundo, acho que me fez bem! São coisas que eu não consigo falar com ninguém, nem com a minha irmã, e consigo desabafei. Acho que me fez bem*».

Não que a entrevista desempenhe essa função, no entanto, o narrar-se permitiu-lhe reviver as situações de conflito. Narrar o conflito «*traria em si um aspecto paradoxal: seria ao mesmo tempo sofrimento, dificuldade, mas também apontaria caminhos para a*

*individuação ou uma releitura de si a partir de uma busca de sentido para as incongruências da alma» (Palomo, 2006: 43).*

As narrativas autobiográficas produzem *«idiomas de dor e de resiliência que atribuem um sentido à experiência sofrida de ruptura biográfica» (Lechner, 2006: 44).* Na segunda entrevista a Inês referiu:

**IF:** Pensei um bocado na entrevista, no conteúdo, no percurso que fiz, tanto a nível pessoal como escolar, nas opções que tomei e nas que haveria de tomar e não tomei. E ainda me custa falar em determinados assuntos. É complicado, são coisas passadas mas que ainda estão presentes. Se calhar se tivesse tido outro ambiente teria tomado outras opções, mas isso mais a nível pessoal. Mesmo em relação ao curso, teria tido coragem de me afirmar e dizer: “Não quero nada disto!” Mas nunca me afirmei muito. A auto-estima foi um bocado a baixo, os resultados não eram aqueles que eu queria e, nesse aspecto acho que se tivesse estado noutro tipo de situação tinha tido outro tipo de opções e a minha vida podia ser outra. Mas a vida não anda para trás...

*«Entre elaboração de sentido sobre uma trajectória revisitada e actualização das aprendizagens trazidas pela experiência narrada, as narrativas autobiográficas são espaços privilegiados de construção identitária de sujeitos que se autopercepcionam em devir» (Lechner, 2006: 44).* A psicoterapia (thérapos) como a entendemos hoje é uma invenção do século XX, que pretende criar um espaço de narrativa pautado pela permeabilidade entre o consciente e o inconsciente, no sentido de ajudar o paciente a reinventar-se. *«Quando da busca por um espaço para falar de si, o sujeito que procura o analista já traz, ainda que de forma parcialmente consciente, um esboço narrativo da sua trajectória. Entendo que na intimidade desse encontro e estabelecimento de um vínculo transferencial, tal esboço se configura e reconfigura em diversas nuances autobiográficas, as quais mobilizam essa história de vida em ampliações, dobraduras, lapsos, emergência de aspectos esquecidos, suprimidos, colaborando na busca de si. São exactamente tais dimensões que constituem os elementos mais significativos do ritual de reinvenção de si» (Palomo, 2006: 43).*

A Inês diz-se passiva, tímida, introvertida, e que faz *«um esforço para lidar com as pessoas»*. Tenta *«lidar mais com as pessoas, socializar»* e já começa a sentir-se *«mais à vontade»*. Nunca fez nada para se afirmar: *«Eu? Nada!... Fui sempre passiva... eu sou uma pessoa passiva; é isso que eu também estou a tentar combater, não é?!... Porque,*

*ainda hoje, acho que sou um bocado passiva. Tenho dificuldade em afirmar-me como pessoa... e... sempre tive. Agora, não sei se isto tem a ver com o facto de ser gémea... eu acho que não».*

Para se reinventar, recorreu a terapia psicológica, e afirma estar muito contente

**IF:** Pode ser estranho mas as pessoas têm uma identidade própria independentemente de serem gémeas. E a identidade própria tem que ser preservada. Quando isso não acontece acho que é mau. [...] É difícil! Ao longo do tempo fui sempre mais dependente, apesar de ter crescido, a dependência foi-se mantendo sempre. [...] Nunca tive aquela necessidade de afirmação na adolescência, só na fase adulta; agora com o trabalho, muito tardiamente.

Estou a ficar contente, sinto que estou a começar a ser Eu e, até agora não fui Eu!

Fui um Eu muito acanhado. Agora, estou a começar a ser um Eu mais aberto, um novo Eu!

Para Giddens a terapia «*é um sistema pericial profundamente implicado no projecto reflexivo do self, é um fenómeno da reflexividade da modernidade. [...] Deve ser entendida como uma metodologia de planeamento de vida [...]. Participa nessa mistura de oportunidade e risco da ordem tardo-moderna. Pode promover dependência e passividade, mas também permitir o engajamento e a reapropriação*» (2001: 165-166). A Inês fez uma gestão cognitiva e emocional do passado a partir da qual reescreve a narrativa de si.

## 5. CONCLUSÃO

Com este trabalho de investigação procurei desocultar as estratégias agenciadas pelos gémeos no processo de (re)invenção da diferença. Neste sentido, ao longo do trabalho de campo, procurei captar as subjectividades dos gémeos, com quem interagi, do ponto de vista émico. Procurei desocultar como, quando e por que é que se inventam diferentes, subjectivando o objectivo.

Entre o discurso do outro e o discurso de si, entre dizê-los iguais e inventarem-se diferentes, o campo de possibilidades é idiossincraticamente trabalhado.

As identidades são construções subjectivas reflexivamente construídas no contexto social através de processos de identificação e de diferenciação. Acresce dizer que a forma narrativa é o fio organizador que permite ao indivíduo construir progressivamente

o seu sentido de unidade. Importa considerar a narratividade identitária, o modo como os indivíduos constroem as suas identidades através do e no discurso narrativo, como estratégia agenciada pelos gémeos na construção da diferença

Foi possível desvendar quatro estratégias agenciadas pelos gémeos na construção social da diferença. Da narrativa de si, à construção de um projecto de vida, passando pela agencia sobre o *cartão de apresentação de si* e pela delimitação de uma fronteira, as estratégias identitárias instrumentalizadas pelos gémeos na construção da diferença imbricam-se umas nas outras. Organizar narrativamente a vida é dar-lhe um sentido. A condição de gémeo amplia a necessidade de se inventar diferente pelo que o processo identitário assume outros constrangimentos. A inventividade de si torna-se mais premente.

Feito de cores diferentes, o *eu gémeo* oscila subjectivamente entre a manipulação de eus e o hibridismo. É um eu plural, nunca uma essência; é o par, o conjunto, os gémeos, as gémeas, o eu, o tu, o eu de nós. Fruto de processos de construção identitária ambivalentes e dilemáticos, o *eu de nós* é, sem dúvida, um eu duplamente mestiço.

A gemelaridade parece tornar o processo de construção identitário ambivalente e dilemático.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Wilson Jorge Correia Pinto de (1998). *Identidades, Formação e Trabalho: da Formatividade à Configuração Identitária dos Enfermeiros* (Estudo Multicaso). Tese de Doutoramento Policopiada. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- ALMEIDA, João Ferreira de, e PINTO, José Madureira (1975). *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa: Editorial Presença.
- ATKINSON, Robert (1998). *The Life Story Interview*, Sage University Papers Séries on Qualitative Research Methods, Vol.44. Thousand Oakes, CA: Sage.
- BALANDIER, G. (1976). *As dinâmicas sociais*. São Paulo: DIFEL. (cit in MARTINS, João Batista, «A noção de identidade e o olhar multirreferencial: colocando algumas questões para a educação!» <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/jb.htm>>
- BARTH, Fredrik (2004). «Temáticas Permanentes e Emergentes na Análise da Etnicidade», in Vermeulen, Hans e Govers, Cora (org) (2004). *Antropologia da Etnicidade: Para Além de "Ethnic Groups and Boundaries"*, Lisboa: Fim de Século (pp. 19- 44).
- BAUMAN, Zigmund (2001). *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- BECK, Ulrich (1994). *Risk Society. Towards a New Modernity*. Londres: Sage Publications.
- BELL, Judith (2004). *Como Realizar um Projecto de Investigação*, Lisboa: Gradiva.
- BERGER, L. Peter e LUCKMANN, Thomas (1998). *A Construção Social da Realidade – Tratado de sociologia do conhecimento*, Petrópolis: Vozes
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto: Porto Editora.
- BRUNER, Jerome S. (2000). *Cultura da Educação*, Lisboa: Edições 70
- BURGESS, Robert (2001). *A Pesquisa de Terreno*, Oeiras: Celta.
- CAMILLERI, Carmel (1986). «Identité et changement sociaux: point de vue d'ensemble», in TAP, Pierre (dir.) *Identités Collectives et Changements Sociaux*, Toulouse : Ed. Privat (pp. 331-342).
- CAMILLERI, Carmel (1989). «La culture et l'identité culturelle : champ national et devenir», in CAMILLERI, C. e COHEN-EMERIQUE, M. *Chocs des Cultures ; Concepts et Enjeux Pratiques*, Paris : L'Harmattan.
- CAMILLERI, Carmel *et al* (1990). *Stratégies Identitaires*. Paris: PUF.

- CARIA, Telmo (2003). «A Construção Etnográfica do Conhecimento em Ciências Sociais: Reflexividade e Fronteiras» in CARIA, Telmo (2003) (org.) *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento.
- CARIA, Telmo, H. (org.), (2003). *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento.
- CARMO, Hermano e FERREIRA, Manuela Malheiro (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para auto-aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta.
- CASAL, Adolfo Yáñez (1996). *Para uma Epistemologia do Discurso e da Prática Antropológica*, Lisboa: Edições Cosmos
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1994). *Dicionário dos Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Lisboa: Editorial Teorema.
- CORTESÃO, Luiza (2001). «Guliver entra gigantes: na tensão entre estrutura e agência, que significados para a educação?», in STOER, Stephen R., CORTESÃO, Luiza e CORREIA, José A. (Org) (2001). *Transnacionalização da educação – da crise da educação à “educação” da crise*, Porto: Edições Afrontamento
- CRESPI, Franco (1997). *Manual de Sociologia da Cultura*, Lisboa: Editorial Estampa.
- CUCHE, Denys (2003). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa: Fim de Século
- DUBAR, Claude (1997). *A Socialização. Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora.
- DUBAR, Claude (2000). *La Crise des Identités. L'interprétation d'une Mutation*. Paris : Presse Universitaires de France.
- GIDDENS, Anthony (1996). *Para além da Esquerda e da Direita*. São Paulo: UNESP.
- GIDDENS, Anthony (2001a). *Transformações da Intimidade- Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Oeiras: Celta Editora.
- GIDDENS, Anthony (2001b). *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras: Celta.
- GIDDENS, Anthony (2005).. *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa: Editorial Presença (5.ª ed).
- GOFFMAN, Erving (1982). *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GOFFMAN, Erving (1993). *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Santa Maria da Feira: Relógio d'Água Editores.
- GONÇALVES, O. F. (2000). *Viver Narrativamente*, Coimbra: Quarteto, in ROSÁRIO, Pedro Sales Luís *et al*, (2003). “Estórias para estudar, histórias sobre o estudar: narrativas auto-regulatórias na sala de aula”, in *Revista Portuguesa de Educação*, 2003, 16(2), pp. 117-133)
- HAMMERSLEY, Martyn and ATKINSON, Paul (1991). *Etnography, Principles in Practice*, London: Routledge.

- JOSSO, Marie-Christine (2002). *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: Educa.
- KAUFMANN, Jean-Claude (2004). *L'Entretien Compréhensif*. Paris: Armand Colin.
- KAUFMANN, Jean-Claude (2005). *A Invenção de Si: Uma Teoria da Identidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LAHIRE, Bernard (2003). *O Homem Plural – As Molas da Acção*, Lisboa: Instituto Piaget.
- LESSARD-HEBERT, Michelle, GOYETTE, Gabriel e BOUTIN, Gérard, (1994). *Investigação Qualitativa - Fundamentos e Práticas*, Lisboa: Instituto Piaget.
- LIPIANSKY, E. M., TABOADA-LEONETTI, I., VASQUEZ, A (1990). «Introduction à la problématique de l'identité», in Carmel Camilleri et all (1990). *Stratégies Identitaires*, Paris : PUF
- LIPIANSKY, Edmond Marc (1998). «Comment se Forme L'Identité des Groupes», in Jean-Claude Ruano-Borbalan (1998) (Coord). *L'identité : L'individu, Le groupe, La société* ; Auxerre : Sciences Humaines Éditions, pp.143-150
- LIPIANSKY, Edmond Marc (1998). «L'Identité Personnelle», in Jean-Claude Ruano-Borbalan (1998) (Coord). *L'identité : L'individu, Le groupe, La société* ; Auxerre : Sciences Humaines Éditions, pp.21-29
- MAGALHÃES, António M. (1998). *A Escola na Transição Pós-Moderna*, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- MAGALHÃES, António M. (2001). “O Síndrome de Cassandra: Reflexividade, a construção de identidades pessoais e a escola” in Stephen Stoer, Luiza Cortesão e José A. Correia (orgs.) (2001), *Transnacionalização da Educação – da Crise da Educação à “Educação” da Crise*. Porto: Edições Afrontamento (pp.301 a 335).
- MAGALHÃES, António M. (2004). «Conhecimento no Bazar: A Cidadania Pro-activa na Sociedade do Conhecimento», conferência proferida na Sessão Final Políticas da educação e pesquisa numa Europa alargada e integradora, Praga, 7 e 8 de Outubro de 2004.
- MAGALHÃES, António M. e STOER, Stephen R. (2003). *A Escola para Todos e a Excelência Académica*, São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.
- PALOMO, Victor (2006). «Psicoterapia: um ritual de reinvenção de si», in resumos do *Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) Biográfica. Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*, Salvador/Bahia: Universidade do Estado da Bahia (pp. 43).
- SANTOS SILVA, Augusto e MADUREIRA PINTO, José (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Ed. Afrontamento.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (1995). *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*, Porto: Edições Afrontamento (4.ª Ed.).
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2001). «Entre Prospero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidades» in Maria Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro (ed.s) *Entre Ser e Estar: Raízes, Percursos e Discursos de Identidade*. Porto, Edições Afrontamento.

- SARUP, Madam (1996). *Identidade, Cultura e o Mundo Pós-Moderno*. Edinburgo: Edinburgh University Press.
- SENNETT, Richard (2001). *Corrosão do Carácter - As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Lisboa: Terramar.
- SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (orgs.) (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento.
- SILVA, Pedro, (2001). *Interface Escola-Família, Um olhar sociológico – Um Estudo Etnográfico no 1.º Ciclo do Ensino Básico*, Tese de Doutoramento polocopiada.
- SILVA, Pedro, (2003). *Etnografia e Educação: Reflexões a Propósito de uma Pesquisa Sociológica*, Porto: Profedições.
- SOUSA, Cynthia Pereira (2006). «Narrativas autobiográficas em perspectiva comparada: histórias de formação de professores universitários» in resumos do *Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) Biográfica. Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*, Salvador/Bahia: Universidade do Estado da Bahia (pp. 40-41).
- STOER, Stephen R. (2002), «Educação e Globalização: Entre regulação e emancipação», *Revista Critica de Ciências Sociais*, n.º63, 33-45.
- STOER, Stephen R. e CORTESÃO, Luiza (1999), *Levantando a Pedra da Pedagogia Inter/Multicultural às Políticas Educativas numa Época de Transnacionalização*. Porto: Edições Afrontamento
- STOER, Stephen R., CORTESÃO, Luiza e CORREIA, José A. (Org) (2001). *Transnacionalização da educação – da crise da educação à “educação” da crise*, Porto: Edições Afrontamento.
- STOER, Stephen R., MAGALHÃES, António M. (2001). «A incomensurabilidade da Diferença e o Anti-antietnocentrismo», in RODRIGUES, David (org.) (2001), *Educação e Diferença – Valores e Práticas para Uma Educação Inclusiva*, Porto: Porto Editora (pp.35-48).
- STOER, Stephen R., MAGALHÃES, António M. e RODRIGUES, David (2004) – *Os Lugares da Exclusão Social*. São Paulo: Cortez Editora
- STRECHT, Pedro (1999). *Preciso de Ti*, Lisboa: Assírio & Alvim
- TABOADA-LEONETTI, I (1990). «Stratégies identitaires et minorités : le point de vue du sociologue», in CAMILLERI, Carmel *et al* (1990). *Stratégies Identitaires*, Paris : PUF, pp.43-83
- TEIXEIRA, Francisco (org.) (2004). *Identidade Pessoal, Caminhos e Perspectivas*. Coimbra: Quarteto.
- TRINDADE, José Maria dos Santos (2003). *Educação e Dinâmica Social, do mar como discurso aos discursos do mar*, (Tese de Mestrado policopiada). Porto
- VIEIRA, Ricardo (1992). *Entre a Escola e o Lar*, Lisboa: Escher.

- VIEIRA, Ricardo (1998). «Etnografia e historias de vida na compreensão do pensamento dos professores», in António Esteves e José Azevedo (Ed.), *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*, Porto: Instituto de Sociologia.
- VIEIRA, Ricardo (1999a). *Ser Igual, Ser Diferente – Encruzilhadas da Identidade*, Porto: Profedições.
- VIEIRA, Ricardo (1999b). *Histórias de Vida e Identidades, Professores e Interculturalidade* Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, Ricardo (2003). «Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos», in CARIA, Telmo H.(2003) (org.), *Experiências Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento (pp.77-96).
- VIEIRA, Ricardo (2006). *Identidades Pessoais: interacções, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*; Lição de Síntese policopiada. ISCTE.
- WOODWARD, Kath (2002). *Understandig Identity*. London: Arnold.